

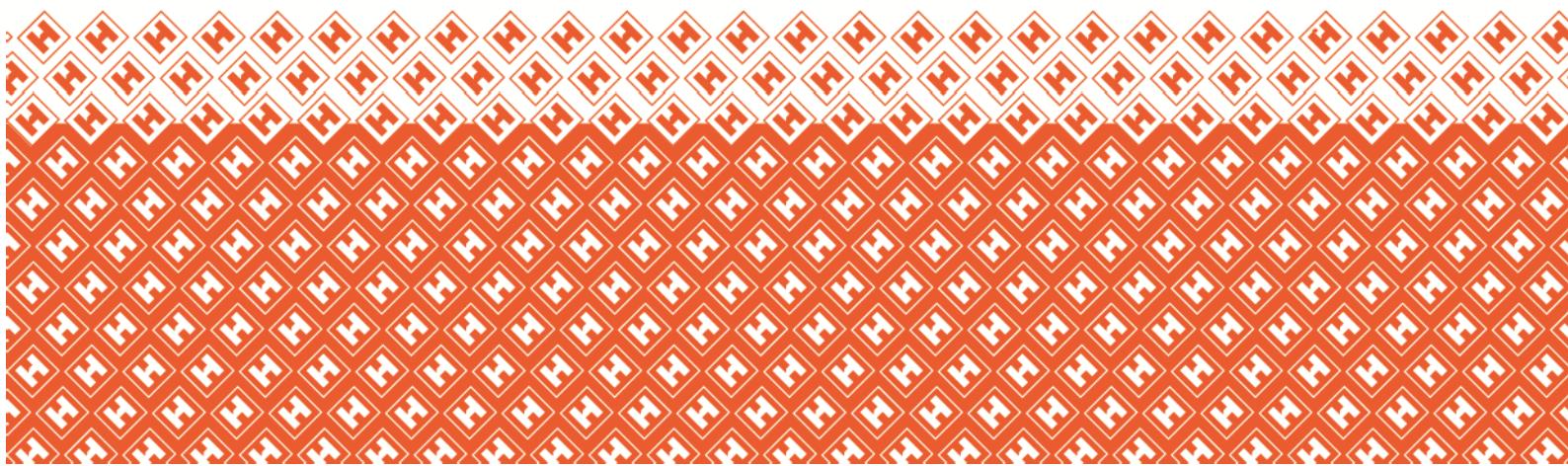


UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

LEONCIO ALENCAR MATEUS DE FREITAS

**MEMES QUE “FORAM LONGE DEMAIS”:
REPRESENTAÇÕES E ENSINO DE HISTÓRIA**

JANEIRO / 2022



LEONCIO ALENCAR MATEUS DE FREITAS

**MEMES QUE “FORAM LONGE DEMAIS”:
REPRESENTAÇÕES E ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Faculdade de Ciências Humanas, do Departamento de História da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), como requisito obrigatório para a obtenção de título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Marli Auxiliadora de Almeida

CÁCERES-MT
JANEIRO / 2021

ESPAÇO RESERVADO PARA A FICHA
CATALOGRÁFICA.

LEONCIO ALENCAR MATEUS DE FREITAS

**MEMES QUE “FORAM LONGE DEMAIS”:
REPRESENTAÇÕES E ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Faculdade de Ciências Humanas, do Departamento de História da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), como requisito obrigatório para a obtenção de título de Mestre em Ensino de História.

Aprovada em ____ de janeiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marli Auxiliadora de Almeida (UNEMAT)
ORIENTADORA

Profa. Dra. Regiane Cristina Custódio (UNEMAT)
EXAMINADORA INTERNA

Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro (UFMT)
EXAMINADOR EXTERNO

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço aos meus pais que são professores e que sempre me impulsionaram por onde andei.

Agradeço a minha orientadora, Prof.^a Dra. Marli Auxiliadora de Almeida, pela paciência, dedicação e por acreditar em mim e nesse trabalho.

Um agradecimento especial aos professores: Prof. Dr. Osvaldo Mariotto Cerezer e Prof^a Dra. Regiane Cristina Custódio pelas generosas contribuições ao longo das revisões do texto e no decorrer da pesquisa.

Aos amigos de mestrado, e aos professores do Programa ProfHistória e da Universidade Estadual do Mato Grosso.

RESUMO

Nesta dissertação, analisamos fontes relacionadas às datas históricas 19 de abril – o dia do Índio; o 15 de novembro – Proclamação da República e o 20 de novembro – o Dia da Consciência Negra para se ensinar História do Brasil no presente por meio de memes de Internet provenientes de blogs e sites. O nosso objetivo é apresentar um trabalho que contribua para um ensino de História mais crítico, democrático e cidadão. Os procedimentos teórico-metodológicos (pesquisa bibliográfica) utilizados neste estudo aportam-se em análises das representações sobre as datas históricas, dialogando com autores do campo da História das Tecnologias Virtuais – memética e Ensino de História. Como resultado das aulas no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA e da pesquisa para compor esta dissertação, produzimos um material pedagógico em formato de *blog* nomeado de BlogHistória, para utilizar os memes nas aulas de História na Educação Básica. Como resultado da presente investigação, concluímos que a escola pode e deve se adaptar às novas linguagens e demandas dos estudantes, contribuindo para uma educação mais plural, democrática e que incorpora os hábitos dos alunos ao ensino de História. Os memes de Internet se tornam importantes, mas não únicos, aliados do professor de História, contribuindo para o protagonismo dos estudantes no processo de construção do conhecimento.

Palavras-chave: ProfHistória. Ensino de História. Memes. Datas históricas.

ABSTRACT

In this dissertation, we analyze sources related to Brazilian historical dates April 19th – the Indian's day; November 15th – Proclamation of Republic, and November 20th – Black Consciousness Day to teach Brazilian History nowadays through Internet memes from blogs and websites. Our objective is to present a research that contributes to a more critical, democratic and citizen History teaching. Theoretical-methodological procedures (bibliographic research) used in this study are based on analysis of historical dates representation, dialoguing with authors from History of Virtual Technologies - memetics and History Teaching. As a result of the classes in Professional Master's Program in History Teaching - PROFHISTÓRIA and the research done to compose this dissertation, we produced a pedagogical material in blog format named BlogHistória, to use memes in History classes in Basic Education. As a result of the present investigation, we conclude that school can and must adapt to students' new languages and demands, contributing to a more plural, democratic education that incorporates students' habits to History teaching. Internet memes become important, but not unique, allies of the History teacher, contributing to the students' protagonism in the knowledge construction process.

Keywords: ProfHistória. History teaching. Memes. Historical dates.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Meme “Segunda Guerra Mundial”	15
FIGURA 02	Meme “Política nacional”	16
FIGURA 03	Meme “Fantasia de índio”	41
FIGURA 04	Meme “Dia do Índio”	42
FIGURA 05	Meme “Mozart e a consciência negra”	46
FIGURA 06	Meme “Dia da Consciência Negra”	47
FIGURA 07	Meme “personagens televisivos”	48
FIGURA 08	Meme “Kiko e a Proclamação da República”	49
FIGURA 09	Meme “D. Pedro II”	51
FIGURA 10	Meme “Indígena com relógio”	61
FIGURA 11	Meme “Indígena e seu latifúndio”	63
FIGURA 12	Meme “Zumbi dos Palmares e catolicismo”	65
FIGURA 13	Meme “Zumbi dos Palmares”	66
FIGURA 14	Meme “Só mais um...”	69
FIGURA 15	Meme “Ursinho Pooh da República”	71
FIGURA 16	Meme “O que tá escrito aqui?	75
FIGURA 17	<i>Print</i> da página inicial do BlogHistória	78
FIGURA 18	<i>Print</i> dos menus de edição do BlogHistória	79
FIGURA 19	Visual geral do blog	80
FIGURA 20	Visão geral das postagens do BlogHistória	81
FIGURA 21	<i>Post</i> “História e Humor”	82
FIGURA 22	<i>Posts</i> “História e Humor” e “Ditadura Militar”	83
FIGURA 23	Boas-vindas do blog	84

SUMÁRIO

PONDERAÇÕES INICIAIS	10
1 A TRAJETÓRIA DO MEME: DA TEORIA AOS APARELHOS CELULARES	22
1.1 A DIFERENÇA ENTRE UM MEME E UM VIRAL	29
1.2 O MEME COMO REPRESENTAÇÃO	30
1.3 DATAS HISTÓRICAS DO CALENDÁRIO NACIONAL	35
1.3.1 O 19 de abril	39
1.3.2 O 20 de novembro	43
1.3.3 O 15 de novembro	49
2 A TECNOLOGIA A FAVOR DO ENSINO DE HISTÓRIA	53
2.1 MEMES CONSERVADORES E PRECONCEITUOSOS	59
3 O PRODUTO PEDAGÓGICO – BLOGHISTÓRIA	73
3.1 O PROCESSO DE CRIAÇÃO	77
3.2 AO COLEGA PROFESSOR	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	89

PONDERAÇÕES INICIAIS

Se partimos do ponto de vista de que os memes de Internet se popularizaram entre os internautas¹ brasileiros nos últimos 10 anos, então podemos afirmar que o ensino de História através desse gênero textual ainda é uma prática recente entre os professores. Esses objetos virtuais, desde a sua popularização, têm demonstrado imenso potencial para discussão, análise, reflexão e entretenimento. Os campos do conhecimento da Psicologia, da linguagem, das mídias em geral e da educação desde cedo ocuparam-se de analisar esse objeto virtual que se espalha entre os aparelhos digitais e que tem a capacidade de se transformar de usuário para usuário.

Desde as primeiras teorizações por estudiosos estadunidenses em meados da década de 70 do século XX até o formato de apresentação em imagens, textos e vídeos que conhecemos hoje e que “contamina” a web, os memes têm sido objeto de estudo e polêmica, pois, como veremos adiante, as teorias que problematizam os memes transitam entre a Biologia, a Psicologia, a Sociologia, bem como História e demais conhecimentos das Ciências Humanas.

A predileção dos brasileiros pelos memes e por sua produção², criando e reproduzindo o gênero a partir das imagens, atribuindo sentido aos fatos do presente e abordando com humor e objetividade todos os tipos de temas faz com que essas imagens, textos e vídeos constituam-se como uma excelente fonte de pesquisa para os historiadores e demais profissionais interessados pela cultura e pelo potencial para o ensino de História com o uso dos memes como ferramenta/recurso.

Neste estudo, analisamos os memes de Internet que abordam temas relacionados a História do Brasil, cuja mensagem é caracterizada pelos internautas com imagens preconceituosas, conservadoras e até reacionárias. Para esse propósito, escolhemos três datas históricas: o 19 de abril – Dia do índio, o 15 e o 20 de novembro – Dia da Proclamação da República e Dia da Consciência Negra, respectivamente. Estas datas representam fatos/acontecimentos importantes do nosso passado ou simplesmente servem de reflexão para o presente e futuro que almejamos. “Queiramos ou não, as datas são suportes da memória. Essa consideração é fundamental e realista. E, para nós, constitui uma forma de pensar sobre elas e sobre o seu papel na constituição de um tempo histórico” (BITTENCOURT, 2007, p. 11).

¹ Designação dada a qualquer pessoa que navegue pela Internet. O termo é uma analogia a astronauta. Fonte: <https://www.origiweb.com.br/dicionario-de-tecnologia/Internauta>. Acesso em: 20 out. 2021.

² Várias matérias e pesquisas presentes na Internet feitas pelos usuários dessa rede indicam o potencial criativo dos brasileiros com os memes. Para saber mais, acessar: <https://www.macondopropaganda.com/fabrica-de-memes-nossos-memes-movem-o-mundo/>. Acesso em: 20 out. 2021.

A escolha por estudar os memes que narram a História do Brasil por meio das datas históricas do calendário nacional foi feita ao observarmos que nessas datas os internautas costumam disseminar em maior quantidade os memes com conteúdo histórico. Esses memes são construídos e reproduzidos com uma visão histórica e política sobre os mais diversos assuntos; dentre eles, representações sobre sujeitos históricos indígenas e negros que, na minha avaliação enquanto professor e historiador, reproduzem posicionamentos preconceituosos. São imagens com potencial para os estudos históricos. Dessa forma, pensamos que os memes preconceituosos e reacionários presentes na Internet são um testemunho da visão de mundo dos grupos que os compartilham.

O problema sobre o qual nos debruçamos neste trabalho foi o de colocar essas imagens em evidência e tentar elucidar o seguinte problema de pesquisa: como os memes podem contribuir como ferramenta didático-metodológica para o ensino de História na Educação Básica?

Acreditamos que os memes de conteúdo histórico, tão comuns na Internet, podem ter um efeito significativo na formação do estudante, desde que ele consiga ler a representação das imagens veiculadas na Internet por meio dos memes. Realizar uma análise crítica desse gênero e sua inserção na sala de aula, física ou virtual, é uma forma de os professores conhecerem esse objeto e refletirem seus saberes pedagógicos sobre os memes.

O objetivo dessa dissertação fundamenta-se na análise das representações construídas e compartilhadas pelos internautas sobre os memes de datas históricas e propor uma forma de o professor utilizar os memes de Internet em sala de aula que contribua para a desconstrução de estereótipos, visões factuais e equivocadas do passado. Assim, evitam-se equívocos e preconceitos em conteúdos escolares.

Dessa forma, esperamos contribuir para um ensino de História que tenha sintonia com as demandas sociais e culturais dos alunos da atualidade e apresentar uma dissertação com produto pedagógico que ajude professores e pesquisadores a se inspirarem e se orientarem no estudo e na utilização dos memes em sala de aula.

Para alcançar tal objetivo, utilizamos ao longo da dissertação referenciais teórico-metodológicos do campo da História e do Ensino de História. Primeiramente, realizamos um levantamento e a análise bibliográfica sobre o tema dos memes de Internet e a origem de seu conceito, referenciando-a em autores que teorizam e discutem sobre o campo conhecido como *memética*. Dentre eles, citam-se Richard Dawkins (1976) e Susan Blackmore (2008), assim como o conceito de representação de Roger Chartier (1991) e autores do Ensino de História

lidos nas disciplinas do Mestrado Profissional em Ensino de História da UNEMAT/MT – ProfHistória. Com destaque, as autoras Circe Bittencourt (2007, 1988), Selva Guimarães Fonseca (2006), Maria de Lourdes Janotti (2004), Barbara Zacher Vitória (2019) e Alessandra Michelle Alvares Andrade (2018).

Os trabalhos que discutem e analisam os memes como fontes históricas ou ferramentas didáticas buscam nesses objetos uma nova linguagem para a sala de aula. Portanto, é preciso salientar que os memes não são tábua de salvação para nenhum professor. Na nossa visão, a utilização dessas imagens, textos ou vídeos nunca deve estar desacompanhada de discussões, debates e aulas expositivas relacionadas a saberes históricos.

Concordamos plenamente com Marcos Napolitano (2004), quando ele nos recorda que,

Se o professor optar por trabalhar com as “novas” linguagens aplicadas ao ensino de História, ele deve ter claro que essa “novidade” não vai resolver os problemas didático-pedagógicos do seu curso. A incorporação desse tipo de documento/linguagem não deve ser tomada como panaceia para salvar o ensino de História e torná-lo mais “moderno”. Muito menos deve ser vista como a substituição dos conteúdos por atividades pedagógicas fechadas em si mesmas. Todo cuidado com a incorporação das “novas linguagens” é pouco, principalmente numa época de desvalorização do conteúdo socialmente acumulado pelo conhecimento científico (NAPOLITANO, 2004, p. 149).

Compreendemos os memes como um importante aliado na busca pela inovação e pela qualidade no ensino, de modo que este seja mais comprometido com a realidade dos alunos e com o verdadeiro ofício de pesquisa do professor historiador. Este trabalho é, sobretudo, um trabalho de Ensino de História que se utiliza dos preceitos da pesquisa acadêmica para compor uma dissertação que busca se debruçar sobre os temas dos memes de Internet e as suas representações nas datas importantes da História do Brasil ensinadas na Educação Básica.

Para conseguir essas imagens, por conta de suas próprias características de produção e compartilhamento tão fugazes, foram feitos levantamentos em dois gerenciadores de busca: *Google*³ e *Yahoo*⁴. Após esse levantamento preliminar dos memes, estes foram rastreados até

³ O Google, também conhecido como Gigante das Buscas, é uma empresa multinacional que oferece serviços online e softwares para download. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/google.html>. Acesso em: 16 nov. 2021.

⁴ Yahoo é uma empresa norte-americana que atua no setor de Internet. Foi fundada em março de 1995 pelo programador David Filo e pelo empresário Jerry Yang. Disponível em: <https://tecnoblog.net/sobre/yahoo/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

suas páginas de origem, a exemplo do *Pinterest*⁵, *Facebook*⁶ e *Twitter*⁷.

A fim de coletar o maior número possível de imagens, mesmo que ocasionalmente descartadas, foi pedido também para que alunos e professores de História enviassem memes com conteúdo histórico. Esses memes contribuíram para enriquecer o acervo de imagens que posteriormente foi utilizado para compor este trabalho.

O período pesquisado se refere aos memes compartilhados entre os anos de 2019 e 2021 e que foram por mim levantados e catalogados ao longo da formação no Mestrado Profissional em Ensino de História, o ProfHistória – UNEMAT, ofertado no câmpus da cidade de Cáceres, no estado de Mato Grosso.

Foram selecionadas três importantes datas do calendário nacional: 19 de abril, Dia do índio; 15 de novembro, Proclamação da República e 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra. Para avaliar a dimensão do efeito dos memes na construção do conhecimento histórico do aluno e contribuir para a aprendizagem do conteúdo foi desenvolvido um produto pedagógico para alunos e professores que facilita a criação e divulgação de memes com conteúdo histórico.

Os questionamentos que motivaram a produção deste trabalho envolvem tanto a possível utilização dos memes enquanto ferramentas de ensino e aprendizagem quanto o potencial desses objetos para a formação de representações históricas, políticas e culturais a respeito dos acontecimentos e povos que vivem, fazem ou fizeram parte da história brasileira.

Ao primeiro contato com memes que abordam temas que são discutidos no âmbito da História enquanto disciplina, surgem questões como: qual a intenção desse meme? Qual grupo e/ou representações estão por trás da produção e propagação dessas informações? Os memes de Internet constituem imagens que influenciam a noção histórica, política e social dos indivíduos que deles têm acesso? É possível extrair dos memes mais do que um passatempo? Como e com que intenção a sátira e a ironia são utilizadas na produção de um meme?

Entendo os memes como uma unidade mínima de informação que pode ser constituída de uma mixagem de imagens, frases, músicas e vídeos, cujo o sentido está sempre associado ao

⁵ O Pinterest é uma rede social de compartilhamento de imagens que funciona como um grande painel de ideias e inspirações. O conteúdo é dividido por várias categorias, e a proposta é que o usuário monte seus quadros com os assuntos que mais gosta. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/marketing-digital/como-usar-o-pinterest/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

⁶ O Facebook é uma rede social lançada em 2004. Disponível em: <https://www.significados.com.br/facebook/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

⁷ O Twitter é uma rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 280 caracteres. Disponível em: <https://www.significados.com.br/twitter/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

contexto de produção desse objeto, proporcionando, dessa maneira, que praticamente todas as imagens, pinturas, charges, tirinhas, vídeos e músicas possam tornar-se um meme, pois a característica principal desse gênero é a sua edição, a transformação de sentido de internauta para internauta preservando elementos originários que podem ser retirados de qualquer uma das mídias acima citadas (VITÓRIA, 2019).

Nas redes sociais, multiplicam-se milhares de discussões em ebulação. A Internet, que há até poucas décadas era sinônimo de abrir horizontes, democracia, multiplicidade e liberdade, hoje cada vez mais cria bolhas, trabalha para públicos específicos, leva o internauta a navegar por águas quase sempre repetitivas e, como consequência, aumentam os serviços de *streaming*⁸, filtros e programas que definem os algoritmos da rede conforme a preferência/cliques dos usuários. Por esse motivo, criam-se ilhas de relacionamento e torna-se cada vez mais difícil uma relação democrática e saudável com a rede.

Os memes estão inseridos nesse contexto. Um meme de Internet nunca é aleatoriamente disseminado; pelo contrário, são ferramentas muito úteis na manutenção e reforço das bolhas culturais⁹. Ao serem utilizados em sala de aula pelo professor de História, esses objetos virtuais podem operar de maneira contrária, sendo eficientes em quebrar estereótipos e transmitir uma mensagem muito mais rápido do que um texto ou filme. Os memes transitam entre internautas dos mais diferentes perfis.

Podemos definir tudo o que é compartilhado e produzido pela cibercultura, descrita por Pierre Lévy como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolve juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2007, p. 17).

Os memes são parte importante e ajudam a construir a cibercultura no cotidiano das relações em rede. Formado a maioria das vezes por uma imagem seguida de uma frase, um meme também existe em forma de vídeo, som, frase, gesto, entre outras formas de manifestação que “viralizam”. Apesar de sua estrutura ser simples, composta quase sempre por dois elementos (imagem e texto), decifrar um meme só é possível para aquele que conhece o seu contexto.

Alguns memes são rapidamente entendidos, enquanto outros fazem parte de nichos

⁸ O *streaming* é a tecnologia de transmissão de dados pela Internet, principalmente áudio e vídeo, sem a necessidade de baixar o conteúdo. O arquivo, que pode ser um vídeo ou uma música, é acessado pelo usuário online. Disponível em: <https://tecnoblog.net/290028/o-que-e-streaming/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

⁹ Preconiza que as pessoas se deixam cada vez mais influenciar pelos valores culturais compartilhados no círculo de influência (ou bolha de amigos) de cada indivíduo, alienando-se de todo o resto. Fonte: <https://emmeiapalavra.com/tag/bolha-cultural/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

específicos. Vejamos alguns exemplos a seguir:

FIGURA 01 - Meme “Segunda Guerra Mundial”.



Fonte: <https://www.instagram.com/historianopaintoficial/?hl=pt-br>. Acesso em 21/03/2019.

Na primeira figura, o internauta, para decifrar completamente o meme, precisa deter alguns conhecimentos a respeito da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos. O autor do meme “História no Paint”¹⁰ uma conhecida página de conteúdo digital do *Facebook* e do *Instagram*¹¹, faz uma montagem com uma também conhecida propaganda de iogurte veiculada na primeira década do nosso século e com a imagem do líder e ditador soviético Joseph Stalin.

No meme, no lugar de um iogurte, nós temos a representação de um soldado fardado da Alemanha nazista e uma ironização a respeito da dura campanha nazista no leste europeu para vencer a União Soviética, campanha esta que terminou com a derrota alemã e a virada decisiva nos rumos da guerra.

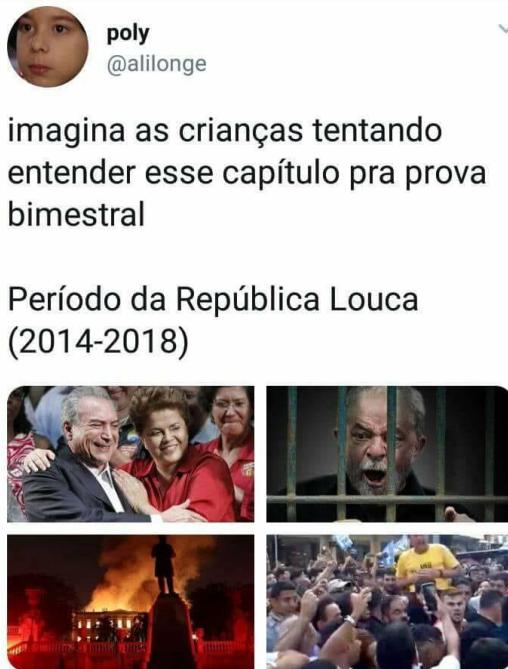
¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/historianopaintoficial/?hl=pt-br>. Acesso em: 01 nov. 2021.

¹¹ O *Instagram* é uma rede social de fotos para usuários de Android e iPhone. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/o-que-e-instagram/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Entre outros fatores, o rigoroso inverno russo contribuiu para a derrocada alemã. Numa simples imagem composta por três quadros é possível aludir aos conhecimentos do passado e estimular o aluno/internauta a se interessar pelo conteúdo específico da disciplina de História.

Nos dois exemplos aqui apresentados, os memes são utilizados para trazer reflexões sobre temas das aulas de História, principalmente na Educação Básica.

FIGURA 02 - Meme “Política nacional”.



Fonte: <https://www.instagram.com/historianopaintoficial/?hl=pt-br>. Acesso em 21/03/2019.

A Figura 02 trata de um tema da História do Brasil contemporâneo que ainda não consta nos livros didáticos. É importante sempre lembrarmos que os fenômenos dos memes se alimentam principalmente dos acontecimentos, notícias e repercussões do mundo atual. A História cotidiana é fonte inesgotável para a fabricação de memes.

A imagem é uma montagem em um dos estilos mais conhecidos de meme, em que primeiro é vinculada uma frase ou texto curto e, posteriormente, uma ou mais imagens para completar o sentido. Diferentemente da primeira imagem, que exige do leitor um conhecimento básico de determinado tema da História, na Figura 02, é preciso que o leitor tenha o mínimo de informação a respeito de alguns acontecimentos políticos dos últimos anos. Lembro novamente que os memes de Internet estão relacionados a um contexto e que a sua leitura jamais pode ser feita desvinculada de conhecimentos prévios.

A frase que o meme traz brinca com a possível dificuldade dos alunos de entender um momento conturbado da política e da vida social do povo brasileiro. Para corroborar e atribuir sentido à brincadeira, o autor do meme evoca quatro imagens, as quais representam quatro acontecimentos que também só podem ser completamente entendidos quando conectados com o seu contexto e seus desdobramentos.

Na primeira imagem, vemos a ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, abraçando o seu vice na época, o político, professor e empresário Michel Temer, que, no ano de 2016, contribuiu ativamente para a queda da presidente, concretizando o chamado golpe ou impeachment de 2016. No segundo quadro, vê-se uma montagem contendo uma foto do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva com uma expressão de grito e raiva atrás de uma grade de prisão. Essa imagem representa também um dos acontecimentos que tumulturaram o cenário político nacional, que foi a prisão contraditória do ex-presidente em questão.

No terceiro quadro, uma foto em perspectiva representa o Museu Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro, que pegou fogo no ano de 2016, ocasionando uma tragédia para o conhecimento histórico e científico do Brasil e do mundo. Na quarta imagem, surge a representação do momento posterior ao ataque com faca contra o então candidato à presidência da República, o deputado Jair Messias Bolsonaro, em 2018. O ataque teve um potencial de capitalização política muito grande dos grupos interessados em explorar essa imagem, e contribuiu direta ou indiretamente para as mudanças no cenário da campanha eleitoral.

As duas imagens trazidas como exemplo reforçam a visão que tenho e compartilho, de que a compreensão dos memes não pode ser dissociada do contexto em que o gênero textual foi produzido e para quem foi produzido. A Internet é um oceano de memes e encontrar o que se deseja nessa imensidão exige um trabalho minucioso e atento.

Como foi indicado neste estudo, os memes ajudam a produzir “bolhas” de conteúdos relacionados a questões político-sociais, mas, ao mesmo tempo, os memes apresentam uma capacidade enorme de transpassar essas “bolhas” e chegar a todas as pessoas com acesso à Internet e uma conta em qualquer rede social (*Facebook, Instagram, Twiter* e outras.).

Quando reflete sobre si mesmo, sobre sua própria forma e função, quando faz historiografia de si, o conhecimento histórico se resume em um impasse entre o científico e o objetivo, entre o subjetivo e o relativo (na sala de aula, reflete-se entre o factual e o crítico), resultado de um esforço para compreender o que é a História e como se configura o trabalho do historiador.

Muitas vezes, os professores do ensino básico, por conta da rotina carregada de trabalho,

esquecem-se ou não têm condições de se preparar melhor teoricamente. Suas aulas podem resultar numa representação factual da história do livro didático para o aluno de maneira linear. A História ensinada deve ser pautada em fatos, mas apenas quando eles são entendidos na perspectiva histórica é que se pode tirar deles o melhor proveito.

O domínio da Teoria da História permite ao professor pesquisador, quando está em sala de aula, fazer o caminho inverso dos conhecimentos estabelecidos como fatos nos materiais didáticos e, com sabedoria e propriedade, questioná-los.

Com efeito, a história não pode proceder a partir dos fatos: não há fatos sem questões, nem hipóteses prévias. Ocorre que o questionamento é implícito; mas, sem ele, o historiador ficaria desorientado por desconhecer o objeto e o lugar de suas buscas. Além disso, apesar de sua imprecisão inicial, o questionamento deverá tornar-se bem definido; caso contrário, a pesquisa aborta (PROST, 2015, p. 71).

O trabalho do pesquisador está submerso na teoria e na prática da pesquisa. Consiste em preparar esses saberes, dar-lhes forma, limite e uso. Tanto para o pesquisador quanto para o professor, a teoria e o método crítico são fundamentais, pois como alcançar um ensino de excelência, voltado para a criação de sujeitos pensantes e cidadãos conscientes, sem o exercício de pesquisar, de criticar e ensinar a criticar com fundamentos e métodos?

Fazer História é diferente de ensinar História. Todo o produto que utilizamos na escola, que chega até a sala de aula, só foi possível porque pensado teoricamente. Certamente, qualquer utilização dos objetos e saberes no momento do ensino deve ser feita mediante uma boa bagagem teórica.

O ensino de História cada vez mais se apresenta como um campo repleto de velhos e novos desafios. Ensinar História é um campo de disputa, de conflitos, de dores para os profissionais que buscam essa área de atuação, e de muitos prazeres quando as aulas fluem de acordo com o esperado pelo professor. O papel desse profissional se modificou muito ao longo do tempo. Não é mais aceitável um docente que simplesmente se senta perante os alunos, pega o livro didático e segue o conteúdo capítulo por capítulo, parágrafo por parágrafo.

Isso não funciona mais. Sendo assim, acreditamos que:

Ensinar história passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História. O aluno deve entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom – comumente ouvimos os alunos afirmarem: “eu não dou para aprender História” -, nem

mesmo como uma mercadoria que se compra bem ou mal (SCHMIDT, 2004, p. 57).

A escola é um espaço de interdisciplinaridade, de contato com os mais variados conhecimentos e os mais diferentes tipos de indivíduos. Penso que o importante é a atualização não só do currículo e das práticas de ensino, mas também da abordagem que o professor precisa ter para “encarar” a sala de aula. De acordo com Silva e Fonseca (2007), na escola também existem diversos saberes que dialogam ao indicarem situações multidisciplinares existentes nesse espaço de ensino e aprendizagem:

Compreendemos, ainda, a escola fundamental e média como espaço multidisciplinar de diálogo entre diferentes projetos de conhecimento e concepções de educação. Os professores e alunos convivem simultaneamente ao redor de várias disciplinas e várias definições do processo educativo (SILVA; FONSECA, 2007, p. 70).

O professor da Educação Básica necessita estar atento aos questionamentos que a História, na produção do seu conhecimento acadêmico, constrói e traz para o debate não apenas o conhecimento do passado e da história do próprio conhecimento histórico, mas também, e principalmente, o da atualidade, como a utilização e abordagem das mídias e ferramentas digitais. O tempo exige a transformação, e o perfil do aluno, bem como as exigências do ensino mudaram. Nesse sentido, à luz dos estudos teóricos, é que a historiadora Maria Auxiliadora Schmidt aponta que:

A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa. Na sala de aula se evidencia, de forma mais explícita, os dilaceramentos da profissão de professor e os embates da relação pedagógica (SCHMIDT, 2004, p. 57).

Entendemos que “a História enquanto disciplina escolar não tem sido ensinada apenas nas aulas específicas destinadas exclusivamente a este saber” (BITTERNCOURT, 2006, p. 53). Os conteúdos históricos estão presentes em várias disciplinas oferecidas na escola, tais como Geografia, Artes ou Literatura, e esses mesmos conteúdos, pertencentes ao domínio da História, estão presentes e podem ser observados nos memes de Internet.

Algumas das figuras hoje veiculadas na Internet conhecidas como memes e que têm como conteúdo parte da história política do Brasil, na prática, não diferem das estratégias adotadas em outras décadas e séculos para a formação no povo brasileiro de uma noção única do passado histórico, nem são diferentes (na prática) das imagens, textos, poemas, pinturas e outros artefatos largamente utilizados na construção de um sentimento de nacionalismo fundido nos momentos “importantes” da História do Brasil. Existem também memes que exaltam governos passados e representam a ânsia de certos grupos de reaver sua posição política, como, por exemplo, os memes monarquistas.

Na contramão dessas imagens, existem os memes que buscam apresentar uma noção plural do passado histórico, além de contribuírem para a desconstrução de estereótipos e preconceitos há muito arraigados entre os brasileiros. Imagens que, utilizando-se do mesmo formato de edição e das mesmas estratégias, buscam enaltecer as lutas sociais e denunciar a violência e o preconceito. Esses memes, quando compartilhados e curtidos, são formas atuais de resistência que ocorrem nos ambientes virtuais. Ao misturar humor e crítica, os internautas parecem disputar pela hegemonia dos discursos e pela representação política e social do passado e presente da nação.

Bittencourt (2006), em seu trabalho intitulado *As “tradições nacionais” e o ritual das festas cívicas*, aponta para o fato de que o professor de História não é o único agente na formação da noção histórica do indivíduo, muito menos o único detentor da função de se transmitir a “memória nacional.” Nessa perspectiva, corrobora a afirmativa da autora:

O professor de História, tendo como tarefa transmitir uma “memória nacional”, não apresenta condições de cumprir isoladamente com esse trabalho. O poder governamental, ao veicular pelos diversos programas de ensino para a escola a memória histórica desejável, tem examinado a necessidade de se valer de outros instrumentos educacionais para sustentar e fazer perpetuar, na memória dos alunos, quem deve ser considerado agente histórico responsável pelos “destinos do país” (BITTERCOURT, 2006, p. 53).

A atual conjuntura política da nação nos permite observar a utilização em massa nas chamadas redes sociais dos memes como instrumentos educacionais, que têm por objetivo perpetuar na memória social quem são os agentes históricos do passado e, sobretudo, do presente.

Para compor esta dissertação e dar conta de dialogar com esse amplo campo do conhecimento, organizei o texto da seguinte forma: no primeiro capítulo, busco apresentar ao leitor os memes de Internet, a sua origem enquanto conceito e os autores que teorizaram e

pensaram os memes nos séculos XX e XXI. Em seguida, apresentamos o meme enquanto representação em Roger Chartier, suas potencialidades e o cuidado que essa nova fonte de informação nos obriga a ter. Para finalizar, trago as datas históricas que figuram neste trabalho e aproveito para historicizar a sua institucionalização no calendário oficial do país enquanto apresento ao leitor alguns memes que podem ser utilizados no ensino de História e nas demais disciplinas das Ciências Humanas.

No segundo capítulo, faço uma conjuntura entre o Ensino de História e as ferramentas virtuais da atualidade, refletindo sobre como o ensino se utiliza dos meios virtuais em seu desenvolvimento, bem como os desafios e as potencialidades de se utilizar a Internet e seus objetos, como o meme, por exemplo. Neste capítulo, também apresentamos as análises das imagens que foram escolhidas para compor a dissertação. Os memes serão analisados na perspectiva de representações individuais e coletivas dos acontecimentos e significados de que fazem parte as datas relevantes da História do Brasil.

Por fim, apresento nosso produto pedagógico, o *BlogHistória: memes, textos e conteúdo de História*, que tem a intenção de auxiliar alunos e professores na produção e análise de imagens sobre conteúdos escolares de História, as quais detêm imenso potencial de exploração tanto na pesquisa quanto no ensino.

1 A TRAJETÓRIA DO MEME: DA TEORIA AOS APARELHOS CELULARES

Um dos primeiros autores a pensar que as ideias poderiam ter um poder de contágio, de se replicar entre as pessoas, foi o biólogo e naturalista norte-americano Richard Dawkins¹². Ele escreve um livro intitulado *O gene egoísta* (1976). Nessa obra, o autor discute as características dos genes humanos de se perpetuarem por meio da evolução e seleção natural. Segundo Dawkins (1976), o gene tem por finalidade se replicar, criar cópias de si mesmo para garantir a transmissão de determinada característica que se torna dominante.

A cor dos olhos, dos cabelos, o tipo sanguíneo, a cor da pele entre outras características são determinadas pelos genes humanos:

O argumento deste livro é que nós, e todos os outros animais, somos máquinas criadas por nossos genes. Assim como "gangsters" de Chicago, nossos genes sobreviveram, em alguns casos por milhões de anos, em um mundo altamente competitivo. Isto nos permite esperar certas qualidades em nossos genes. Sustentarei que uma qualidade predominante a ser esperada em um gene bem-sucedido é o egoísmo implacável. Este egoísmo do gene geralmente originará egoísmo no comportamento individual. No entanto, como veremos, existem circunstâncias especiais nas quais um gene pode atingir melhor seus próprios objetivos egoístas cultivando uma forma limitada de altruísmo ao nível dos animais individuais (DAWKINS, 1976, p. 09).

Nessa obra o autor defende a tese de que o corpo humano não passa de um receptáculo, uma máquina para os genes que, desde o princípio da vida, se replicam e por isso sobrevivem. Richard Dawkins se baseia nas ideias da seleção natural e evolução das espécies de Charles Darwin ([1859] 2003) para elaborar sua teoria e no momento escolhido o autor a define como uma teoria da evolução cultural.

Os genes dos humanos e de todas as formas de vida são as formas mais bem acabadas e desenvolvidas do DNA que conhecemos, e não param nem nunca pararam de evoluir. Mas evoluir para quê? Para esse nosso distinto autor, simplesmente para continuar existindo, para continuar multiplicando e se reproduzindo. Portanto, a vida transmite para o futuro sempre os "melhores genes", compondo o DNA de "máquinas" altamente desenvolvidas que continuarão replicando essas informações.

É nesse ponto que Dawkins (1978) resolve ir além e defender que esse princípio básico de seleção natural não precisa ficar restrito apenas aos genes, "[...] mas poderia ser estendido a

¹² Richard Dawkins é um biólogo evolucionista e etólogo, um dos principais nomes do ateísmo no mundo, conforme Bárbara Vitória (2019).

qualquer outra situação em que unidades replicadoras disputam entre si pela oportunidade de fazer o grande salto de uma geração” (TEIXEIRA, 2003, p. 01).

Os memes se comportariam de maneira semelhante ao gene conforme entendido por Dawkins (1976), se replicando e se transformando com a intenção de transmitirem, nesse caso, informações e ideias por meio de imagens, sons, textos ou vídeos, modos de fazer etc., que *viralizam*¹³ e alcançam o maior número de pessoas possível. Assim como seu homônimo biológico, os memes de Richard Dawkins são mutáveis, o que garante uma maior expectativa de vida e sucesso dele.

Conforme Dawkins (1976), os memes são ideologias, religiões, estilos e filosofias de vida. É tudo o que o ser humano pensa, sabe, crê, produz e passa adiante para outro ser humano. Vejamos a definição:

Acho que um novo tipo de replicador recentemente surgiu nesse próprio planeta [...] Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir de consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a “memória”, ou à palavra francesa même (DAWKINS, 1976, p. 112).

E o autor complementa:

Exemplos de memes são melodias, ideias, “slogans”, modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no “fundo” pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no “fundo” de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação (DAWKINS, 1976, p. 112).

É importante lembrarmos que Richard Dawkins dissertava sobre sua teoria numa época pré-Internet. Portanto, o autor estadunidense não se referia aos memes de que trataremos mais adiante, e que hoje circulam e são tão populares principalmente entre os jovens. Para Dawkins, ainda na década de 1970, os memes eram toda cultura humana que, transmitida de geração em geração, nos fez e nos faz sermos quem somos.

¹³ Tornar viral, muito visto ou compartilhado por muitas pessoas, especialmente em redes sociais ou aplicativos de compartilhamento de mensagens. Fonte: <https://www.dicio.com.br/viralizar/>. Acesso em: 05 mai. 2021.

Com sua obra, que mistura Biologia darwinista e pitadas de Sociologia, o biólogo norte-americano intencionava levantar questões sobre a evolução da nossa cultura. Segundo Bárbara Vitória (2019), Dawkins realizou a seguinte leitura sobre os memes: “Os nossos ancestrais “memetizaram” informações cruciais para a evolução do ser humano e assim como os genes representam a evolução da nossa espécie os memes representariam a evolução da nossa cultura” (VITÓRIA, 2019, p. 30).

Seriam os símbolos, a moda, melodias, maneiras de fazer utensílios, as religiões, ideologias e outros “parasitas” que se apropriaram de nossas mentes pela repetição? Nossos cérebros são as máquinas onde os memes evoluem e se replicam? Este trabalho não busca responder a essas perguntas. No entanto, é preciso recorrer ao autor delas para depois lançar um olhar para os memes de Internet, que, assim como os memes de Richard Dawkins, reproduzem ideias que se multiplicam e “pulam” de pessoa para pessoa.

A partir do momento em que Dawkins (1976) publicou suas ideias, como um bom meme, elas causaram um alvoroço entre filósofos, psicólogos, sociólogos e cientistas, especialmente estadunidenses. Existe uma seara fértil em que o leitor pode encontrar conteúdos sobre os desdobramentos que tomaram as primeiras ideias da *memética*¹⁴. Esses conteúdos podem ser encontrados nas obras de autores como Barbara Zacher Vitória (2019), conforme citamos acima. Além de Susan Blackmore (2008), Daniel Dennett (2002) e Gazy Andraus (2005).

O filósofo Daniel Dennett, por exemplo, corrobora o pensamento de Dawkins (1976) de que os produtos criados pelos seres humanos através de sua cultura estejam também sujeitos às leis da evolução. Em uma conferência realizada para a *TED Talks*¹⁵, Dennett exemplifica as ideologias humanas como um bom exemplo de memes como pensava Dawkins. Para o filósofo, a maioria da população já foi “infectada” por alguma ideia pela qual daria sua vida: Liberdade, Justiça, Verdade, Comunismo, Capitalismo, Cristianismo etc. (VITÓRIA, 2019).

Para exemplificar como a evolução pode ser aplicada ao pensamento humano, a partir do ponto de vista da memética, o filósofo elabora uma analogia sobre uma formiga:

¹⁴ A Memética é o estudo formal dos memes. Foi originada quando Richard Dawkins cunhou o conceito no seu livro *O gene egoísta*. Na busca de algo que pudesse ser classificado como a unidade fundamental conceptual da memória. A memética aplica conceitos da teoria da evolução (especialmente da genética populacional) à cultura humana, a área tenta explicar vários assuntos controversos, como religião e sistemas políticos, usando modelos matemáticos. Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/27626165>. Acesso em: 05 mai. 2021.

¹⁵ TED é uma sigla que, na tradução para o português, significa Tecnologia, Entretenimento e Design. Trata-se de um evento que hoje é realizado nas Américas, Europa e na Ásia pela empresa Sapling. A iniciativa não tem fins lucrativos e serve para a disseminação de ideias, tendo um formato bastante peculiar, limitado a 18 minutos, e conta com transmissão ampla pela Internet. Fonte: <https://crmpiperun.com/blog/ted-talks/>. Acesso em: 01 mai. 2021.

[...] após cair da folha e insistir inúmeras vezes em subir ao topo novamente, podemos nos questionar: por que afinal aquela formiga está despendendo tanta energia para se posicionar ali? O que a formiga ganha com tanto esforço? Qual é o objetivo da formiga em tentar subir ao topo da grama? O que há ali para a formiga? A resposta para esta pergunta é: nada. Não há nada interessante ali para a formiga e ela só está agindo assim porque o seu cérebro foi infectado por um verme parasita que precisa ir para o estômago de um carneiro ou uma vaca para continuar seu ciclo de vida. Os vermes assumem o controle de uma formiga, sobem até o cérebro dela e conduzem-na ao topo de uma erva para usá-la como veículo induzindo um comportamento suicida. A questão é: será que algo parecido acontece com humanos? (DENNETT, 2002, *on-line*).

Outra pensadora que enveredou pelo caminho da memética inspirada pelas ideias seminais de Dawkins (1976) foi a psicóloga britânica Susan Blackmore (2008). Palestrante, a psicóloga defende que não somos apenas replicadores de memes como máquinas produtoras desse gênero, mas que tudo que possa ser aprendido ou copiado é um meme. “E do ponto de vista dos memes, nós somos máquinas meméticas seminais que auxiliam na criação de máquinas meméticas mais evoluídas para beneficiar a eles mesmos” (VITÓRIA, 2019, p. 31).

Em conferência para a *TED Talks*, Blackmore (2008) introduz à plateia as ideias da memética. A psicóloga assim começa sua explanação sobre os memes:

A evolução cultural é uma criança perigosa para qualquer espécie para deixar solta nesse planeta. E quando você for ver o que está acontecendo, o bebê é uma criança, em pé, causando destruição, e aí é muito tarde para guardá-la de volta. Nós humanos somos a espécie “pandoriana” da Terra. Somos aqueles que tiraram o segundo replicante de sua caixa, e não podemos empurrá-lo de volta (BLACKMORE, 2008, *on-line*).

O conceito se apoia em ideias darwinistas para explicar a ocorrência de fatores culturais presentes ao longo do tempo. Para Charles Darwin ([1859] 2003), as características predominantes de uma espécie se replicam adiante desde que esta seja exitosa na luta pela sobrevivência. Dessa forma, teóricos da memética como Blackmore (2008) e Denett (2002) embasam suas afirmações e assentam o terreno de seus questionamentos:

O princípio do darwinismo universal é que qualquer informação que é variada e selecionada irá produzir um design. E é isso que Richard Dawkins discutia no seu sucesso de vendas de 1976, “O gene egoísta”. A informação que é copiada ele chamou de replicador. Ele copia-se egoisticamente. Não significa algo sentado no interior da célula pensando “quero ser copiado”. Mas que aquilo será copiado se puder, a despeito das consequências. Não se importa com as consequências porque não pode, porque é apenas informação sendo

copiada. E ele quis se distanciar de todo mundo que pensava o tempo todo em genes, e então ele disse, “Haverá um outro replicante no planeta?” (BLACKMORE, 2008, *on-line*).

A memética é, portanto, a teoria que busca utilizar os conceitos de evolução biológica preconizados por Charles Darwin na cultura humana, ou seja, uma espécie de evolucionismo cultural que busca entender como os produtos fabricados pelos seres humanos influenciam a vida deles, e até que ponto somos produtos daquilo que nós mesmos acreditamos e repetimos ao longo de gerações.

A aplicação dessas ideias no campo das Ciências Humanas e Sociais é controversa, nesse ponto concordamos com Vitória (2019), para quem:

Estas metáforas biológicas para explicar eventos relacionados à cultura, e as analogias entre as tecnologias e o funcionamento cerebral humano, ocupam um terreno controverso e academicamente disputado. Atualmente, a memética é explorada não apenas dentro da biologia evolutiva, mas também em outras áreas de conhecimento como a neurociência, sociobiologia, filosofia da mente e psicologia social. Enquanto diversos neurocientistas têm se dedicado a realizar experimentos em busca de uma evidência que possibilite elevar a memética ao status de uma ciência darwinista da cultura, teóricos como Dennett e Blackmore têm desenvolvido pesquisas dentro do campo de estudos da memética para melhor compreender o comportamento humano tentando explicar como a teoria evolucionista pode ser aplicada ao pensamento humano (VITÓRIA, 2019, p.32).

A partir desse contexto controverso da memética, na segunda metade dos anos 1990, com a ascensão e popularização da Internet, o termo meme passa a ser utilizado para designar uma unidade de informação que viraliza na rede mundial de computadores, e que tem alto poder de transformação, ou mutação, como sugeriu Dawkins (1976).

Sites como o *Memepool*¹⁶ já utilizavam a expressão para definir conteúdos on-line no ano de 1998. A pesquisadora Raquel Recuero (2009), em seu trabalho intitulado *Redes sociais na Internet*, é quem melhor faz a ponte entre os memes que já circulavam na rede e os conceitos trazidos desde os fins dos anos 1970 e 1980 pelos teóricos da memética.

Além de propor uma taxinomia para classificar o fenômeno recente, Recuero (2009) também pensa no capital social e cultural dos usuários da Internet e daqueles que fabricam memes e os compartilham, influenciando pessoas:

¹⁶ Site agregador de conteúdos virais. Fonte: Vitória (2019).

O estudo das características dos memes mostra que há valores que são criados e difundidos nas redes sociais na Internet, valores esses que são associados ao capital social. Alguns desses valores são fundamentalmente importantes para a difusão de informações, tais como a autoridade, a popularidade e a influência, que são atribuídos aos nós. [...] A presença de memes é relacionada ao capital social, na medida em que a motivação dos usuários para espalhá-las é, direta ou indiretamente, associada a um valor de grupo. Por exemplo, as pessoas que espalham os recados com imagens acreditam estar fazendo algo positivo, que deixará aquele que recebeu a mensagem contente. Logo, há intencionalidade na construção/aprofundamento de um laço social, que é ultimamente explicado pela necessidade de capital social. Do mesmo modo, muitas pessoas que espalham mensagens de vírus e informações o fazem com a intenção de auxiliar e mostrar-se bem-informadas, o que também pode ser associado à construção de capital social (RECUERO, 2009, p. 130).

Além do capital social sobre o qual Recuero (2009, 2007) dissertava em meados dos anos 2000, da primeira década do século XXI até hoje os memes têm se transformado em trabalho real, produzindo capital financeiro para algumas pessoas que se dedicam à elaboração desses objetos virtuais. Acreditamos que um trabalho mais aprofundado que aborde a questão do financiamento e da monetização da fabricação e distribuição de memes seria bastante proveitoso para o estudo dos memes de Internet e sua relação com a sociedade contemporânea, cada vez mais conectada.

O trabalho de Recuero (2009, 2007) é fundamental para os pesquisadores e interessados no assunto que se aventurarem sobre o tema dos memes de Internet e das redes sociais. No entanto, alguns conceitos e informações apresentados pela autora não são tão atuais no ano de 2021. Pois, em se tratando de redes sociais, e, acima de tudo, da Internet, as transformações ocorrem rápido. Isso traz um problema para os trabalhos acadêmicos, uma vez que as informações não ficam solidificadas, tornando-se obsoletas. Mas tal situação não impede de considerarmos que o espaço virtual é rico para ajudar a compreender os conhecimentos do presente.

Este trabalho sobre o uso de memes para ensinar História, especificamente as datas históricas de 19 de abril, 15 e 20 de novembro, trouxe-me a preocupação com o tema. Portanto, a minha intenção foi ser o mais atual possível em se tratando de memes da Internet e de ensino da História imediata.

Em relação ao ensino da História imediata, corroboro a indicação de Maria de Lourdes Monaco Janotti, ao considerar que “as consequências do julgamento rápido da História Imediata podem vir a ter funestas influências no ensino escolar dos jovens, podendo induzi-los a interpretar a aparência pelo substancial” (JANOTTI, 2004, p. 47). Assim, acredito que, no uso dos memes enquanto imagens veiculadas pelas mídias, sejam elas digitais ou não, o mais

importante é o exercício da crítica e da desconstrução da fonte e/ou do objeto. Isto porque, como já foi dito, os memes, além de se transformarem constantemente de usuário para usuário, também são disseminados pelas mais diversas mídias sociais.

Os memes analisados nesta pesquisa dissertativa, que procura defender a ideia da utilização desse gênero textual na sala de aula, pode ser definido como “uma unidade mínima de informação que viraliza na Internet e pode ser produzido a partir de uma imagem, vídeo ou texto” (VITÓRIA, 2019, p. 19). E ainda, na perspectiva de ser qualquer imagem, vídeo ou texto que, alterado pelos usuários da Internet, se replica e é constantemente ressignificado e modificado.

Por outro lado, “os memes são sempre um contexto e para compreendê-lo o usuário precisa estar atento as notícias que são veiculadas pela própria Internet e pelas mídias em gerais” (SHIFMAN, 2014, p. 56). Os memes de Internet são um fenômeno incrível para analisarmos a cultura, as relações sociais e as representações na sociedade contemporânea, pois seu potencial de criação e de transformação é praticamente ilimitado. Sua estrutura é simples e fácil de editar e sua capacidade de replicação, disseminação e propagação a todos já é perceptível.

Janotti (20040, ao tratar do tema da produção em História contemporânea, alerta que:

Este processo de multiplicação das fontes de informação apresenta dificuldades para a crítica histórica que ainda não tem elementos para sistematizá-la e detectar todas as suas manipulações. As imagens rápidas são testemunhos muito frágeis que implicam interpretações pessoais, visões fragmentárias e, ao mesmo tempo, submetem-se aos grandes interesses dos capitais multinacionais investidos na mídia (JANOTTI, 2004, p. 51).

Ao estudioso que se interessa pela pesquisa sobre os memes de Internet, logo fica clara a dificuldade de rastrear a origem do meme, seu primeiro replicador e até mesmo os grupos economicamente envolvidos na produção e disseminação desse conteúdo. Dessa forma, a análise recai sobre o conteúdo da mensagem. É necessário sempre estar atento para o contexto histórico atual para reconhecer plenamente os signos existentes nos memes de Internet.

Trabalhar com objetos e fontes do tempo atual, da nossa história contemporânea, exige uma grande conceitualização e estudo do passado. Penso que somente possuindo um conhecimento da escrita historiográfica sobre um determinado conteúdo para com o estudo do passado será possível a análise de memes de conteúdo histórico-político-social.

Os memes produzidos e replicados no contexto das comemorações das datas históricas analisadas nesta dissertação necessitam de contextualização histórica quando forem trabalhados nas aulas de História. Faz-se necessário considerarmos a História do tempo presente e dos sujeitos históricos (indígenas e negros), com o objetivo de se evitar leituras equivocadas dessas datas, bem como do conteúdo dessas figuras.

Várias imagens analisadas nesta pesquisa revelaram uma concepção política e social extremamente enraizada em discursos conservadores, reacionários, racistas e autoritários presentes no termo *datas históricas*. Isto reforça a prioridade de estudar o passado para entendermos o presente. Pois, segundo Janotti (2004, p. 52),

Talvez muito da indiferença que se nota atualmente pela vida política de nosso país esteja relacionado ao desprezo do passado de nossa vida pública institucional, obscurecido pela prioridade da atualidade cotidiana. Sem um conhecimento sólido do passado, voltado para a ação e para a participação democrática, somos levados à ignorância e à omissão que permitem total liberdade aos detentores do poder.

1.1 A DIFERENÇA ENTRE UM MEME E UM VIRAL

O assunto ainda é um pouco recente para qualquer estudioso, e em especial para nós, historiadores, que por vezes nos acostumamos a nos debruçarmos sobre temas do passado mais longínquo. Por isso, é necessário que expliquemos a diferença entre termos e conceitos que são bem conhecidos e utilizados nas redes sociais entre usuários e entre estudiosos da Internet.

O meme e o viral são duas unidades de informação diferentes dentro da rede. Virais são, em suma, vídeos, imagens ou textos curtos que rapidamente se espalham *exatamente como são* entre os usuários da Internet, com um poder de replicação muito grande. Os virais, assim como os memes, alcançam praticamente todos os usuários.

A diferença básica é que um viral não precisa de contexto para ser compreendido; ele se explica por si só. A pesquisadora norte-americana Limor Shifman (2014), estudiosa do assunto, assim escreveu sobre os memes e os virais:

[...] O viral comprehende uma única unidade cultural (como um vídeo, foto ou brincadeira) que se propaga em muitos exemplares, enquanto um meme de Internet é sempre uma coleção de textos. Você pode, por exemplo, identificar um único vídeo e dizer ‘este é um vídeo viral’, sem se referir a qualquer outro texto, mas isso não faz sentido quando é para descrever um meme (SHIFMAN, 2014, p. 56 *apud* VITÓRIA, 2019, p. 36).

Um vídeo de cachorros fazendo algo engraçado, ou de algum bebê sendo extremamente fofo é um viral. “Para interpretar um viral, basta que o usuário reconheça os signos que ele representa” (VITÓRIA, 2019, p. 36). Isso com um meme não é possível. O meme exige que, para ser compreendido, o usuário saiba o mínimo do assunto que o meme aborda.

É interessante notar que, devido ao caráter acessível e criativo da Internet, virais puros são cada vez mais raros de encontrar e principalmente de se manterem. Logo que se espalha, um viral tende a se tornar um meme, pois certamente um usuário fará a edição da imagem, texto ou vídeo viralizado, tornando-o, assim, um meme (SHIFMAN, 2014).

Vitória (2019) apresenta um exemplo curioso de como um viral se transforma em um meme. No caso em questão, o viral partiu de um filme que entre apreciadores de História é muito popular. Tomo a liberdade de trazer a citação completa:

Em 2006, um trecho do filme “A Queda” (Der Untergang, 2004), em que Hitler discute furiosamente com seus generais quando percebe que a guerra está perdida, passou a ser compartilhado nas redes, atingindo proporção global. O vídeo começou a ser utilizado em comentários de posts nas redes sociais para expressar raiva ou indignação, já que poucas pessoas entendem alemão e sabem de fato o que Hitler está dizendo naquela cena. Não demorou muito para que versões do vídeo com novas legendas começassem a circular na rede. No Brasil, as versões mais populares mostravam Hitler reclamando sobre a traumática derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014, e Hitler reclamando dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Esse processo de recombinações durou anos, até que em 2010 a produtora detentora dos direitos autorais do filme determinou que todas as paródias criadas fossem removidas da Internet, episódio que deu origem a um meta-meme, onde Hitler reclama da retirada de seus memes da web (VITÓRIA, 2019, p. 37).

Considero o exemplo perfeito para se compreender a dinâmica dos memes e dos virais e as formas como os primeiros se relacionam entre si e entre os usuários da Internet.

1.2 O MEME COMO REPRESENTAÇÃO

Enxergamos os memes como um tipo de texto que pode ser lido e interpretado pelo internauta. “O essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos – sob formas impressas possivelmente diferentes – podem ser diversamente aprendidos, manipulados, compreendidos” (CHARTIER, 1991, p. 181).

Para abordar os memes de Internet dessa maneira, como objetos culturais das representações sociais, recorrerei à História Cultural como terreno para assentar as minhas discussões ao analisar as datas históricas:

A definição de história cultural pode, nesse contexto, encontrar-se alterada. Por um lado, é preciso pensá-la como a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou dele se desviando (CHARTIER, 1998, p. 27).

Para o historiador francês Roger Chartier, a representação é o instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constrói ou produz um significado para o mundo social. É um processo de significação intencional, carregado de interesses, que corresponde a uma determinada estratégia de um agente social ou de um grupo social ou até mesmo de um indivíduo (CARVALHO, 2005).

Construir representações é tanto uma prática cultural quanto sociopolítica. A representação, destaca Chartier (1998), é um componente essencial dos discursos. Tais discursos, cabe ressaltar, nunca são neutros ou isentos: são práticas sociais dotadas de intencionalidade e correspondem a interesses específicos (CARVALHO, 2005).

Acredito que o conceito de representação pode ser observado nos memes de Internet e isso foi demonstrado ao longo do trabalho. As imagens, vídeos e textos replicados pelos internautas deixam escapar uma visão sociopolítica e histórica do nosso país de maneira preconceituosa. Como veremos, ainda existem narrativas anacrônicas acerca do 19 de abril, 15 e 20 de novembro.

Segundo Chartier (1998), nas décadas de 1960 e 1970, a história como disciplina era dominante no campo acadêmico e, ao mesmo tempo, ameaçada. Dominante porque seus membros, professores altamente graduados, gozavam de prestígio e sua posição de importância no capital escolar lhe conferia ainda mais destaque. Ameaçada intelectualmente por conta de sua primazia em privilegiar as conjunturas econômicas e demográficas e as estruturas sociais na análise e estudos do homem em sociedade.

Ainda de acordo com Chartier (1998), outras disciplinas, como a Linguística, a Psicologia e a Sociologia passaram à frente da História, em termos intelectuais, ao aplicar novos métodos de análise, novas abordagens e novas perspectivas aos temas que também eram estudados pelos historiadores franceses. Isto fez com que a História, enquanto campo do conhecimento, reagisse, constituindo novos territórios nos territórios que as outras disciplinas iam abrindo (CHARTIER, 1998). Dessa maneira, transformou-se o estudo da História, deu-se à disciplina novos horizontes de pesquisa, novas abordagens para o ser humano em sociedade, como, por exemplo, a História das Mentalidades e a História Cultural.

Assim como os historiadores franceses entre as décadas de 1960 e 1970 utilizaram-se de técnicas de investigação, de pesquisa de seus colegas das outras áreas das Humanidades para avançar no conhecimento histórico, hoje utilizamos uma miríade de trabalhos e visões para melhor compreendermos os fenômenos dos memes de Internet. Seja apenas para compreender o fenômeno dos memes quanto para aplicá-los no ensino de História.

Enquanto objeto virtual que faz parte da cultura imaterial da sociedade contemporânea, o meme exige técnicas de abordagem que transitem entre a subjetividade que essa fonte prescinde e a objetividade e rigidez metodológicas tão caras à História.

Inseridos dentro da conjuntura da construção das representações sociais, os memes de Internet estão longe de produzir discursos neutros. O seu acontecimento, ou seja, sua criação, compartilhamento e apropriação pode ser observado dentro dos esquemas de construção das representações, como descrito no livro *A História Cultural: entre práticas e representações*, de Roger Chartier (1998).

Ao definir a forma como a História Cultural trabalha para entender a realidade de um determinado local num determinado tempo, o livro apresenta alguns caminhos para se chegar à leitura da realidade sobre as representações:

Classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (CHARTIER, 1998, p. 17).

Para Chartier (1998), essas classificações, divisões e delimitações são constituídas e variadas de acordo com a classe social e os meios intelectuais, e ainda partilhadas. São esses

esquemas incorporados que criam as representações. Nessa perspectiva, os memes de Internet se encaixam perfeitamente, já que sua criação e compartilhamento necessitam de um determinado capital material e intelectual.

Os objetos que estudamos neste trabalho estão no meio de uma disputa de espaços e de verdades. As imagens veiculadas na Internet em repercussão da comemoração de datas históricas do Brasil merecem o tratamento adequado: o de representações importantes de numerosos grupos altamente heterogêneos, que utilizam a Internet, a cultura dos memes e as redes sociais para se expressarem e serem ouvidos. Os memes são, nesse turbilhão de interesses e vozes, um instrumento de apropriação utilizado pelos internautas, ou seja, representações:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso, esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância quanto as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1998, p. 17).

Fazer hoje um estudo sobre os memes de Internet enquanto representações “[...] consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais” (CHARTIER, 1998, p. 17). Compreendemos o fenômeno da produção, compartilhamento e apropriação do conteúdo dos memes como uma representação individual e coletiva da realidade. Como já foi dito, diversos grupos e interesses estão presentes no percurso que um simples meme faz pela Internet. Portanto, o meme de Internet foi abordado neste estudo como uma tradução das posições e interesses objetivamente confrontados por essas imagens.

Como pudemos observar nos exemplos demonstrados neste capítulo, as representações descrevem a sociedade de acordo com o que os indivíduos que as criam pensam que a sociedade é, ou pelo menos como gostariam que fosse. Ao abordar uma perspectiva histórico-cultural, esta dissertação pode contribuir para os estudos da sociedade contemporânea em um de seus aspectos mais marcantes e conflituosos, que são as representações individuais e coletivas dos internautas expressas no meme.

Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente à história social entendida no sentido clássico, a história cultural pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um “ser-apreendido” constitutivo da sua identidade (CHARTIER, 1998, p. 23).

A abordagem dos memes enquanto representação pode ajudar os professores de História na compreensão do social contemporâneo. Assim como a ampliação de abordagens teórico-metodológicas do campo da História Cultural permite ao professor pesquisador realizar investigações críticas da História ensinada na Educação Básica.

Longe de ser apenas uma forma de entretenimento ou apenas mais um besteirol de Internet, essas figuras são, na realidade, testemunhos, relíquias de um tempo e de gentes que intencionalmente as produzem e reproduzem também por meio das mesmas representações do mundo que desejam para si.

Ao se seguirem as ideias propostas por Roger Chartier (1998), fica demonstrada a importância desse tipo de abordagem para o entendimento de qualquer objeto de estudo:

A problemática do “mundo como representação”, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo poder ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real (CHARTIER, 1998, p. 23-24).

A apropriação das representações presentes nos elementos dos memes de Internet que certamente ocorre aos usuários e alunos do ensino básico deve ser analisada e minuciosamente trabalhada pelo professor de História no espaço escolar e virtual. Para tanto, faz-se necessária essa preocupação, visto que diversos memes têm por conteúdo assuntos históricos e, dessa forma, se relacionam à nossa esfera de atuação enquanto professores de História.

Devido às condições de produção desta pesquisa, que ocorreu durante os problemas acarretados pela pandemia mundial provocada pela Covid-19, este trabalho limita-se a estudar as representações presentes nos memes de Internet compartilhados em repercussão de datas importantes da História do Brasil, a saber: o Dia do Índio, o Dia da Consciência Negra e a Proclamação da República.

1.3 DATAS HISTÓRICAS DO CALENDÁRIO NACIONAL

Datas históricas não representam um debate ultrapassado no campo da Historiografia? Quais histórias novas as datas históricas podem nos contar ainda hoje, na segunda década do século XXI? Ao longo da minha experiência enquanto professor da Educação Básica, deparei-me com vários desafios que já eram anunciados na formação em licenciatura. No convívio com os professores na faculdade de História, nos semestres em que íamos estagiar nas escolas públicas, no convívio com meus pais, que são professores do sistema público de ensino, os desafios já eram apresentados e o ensino de História para mim já se construía como uma das grandes preocupações em relação à Educação, mesmo antes de me formar professor.

Foi na sala de aula, no entanto, que enfrentei os desafios que a mim iam sendo pouco a pouco apresentados. Dentre eles, os mais marcantes foram: 1) ensinar a importância de estudar História, 2) conseguir me conectar com os alunos de maneira recíproca e preocupada com a elevação intelectual do indivíduo, e 3) sentir que os frutos de uma educação libertadora estavam crescendo e amadurecendo. Para que serve a História? A quem a História serve? O que é História? Perguntas antigas, mas que para mim eram e ainda são de fundamental importância em todas as aulas e em todos os conteúdos ministrados para a Educação Básica.

Na tentativa de buscar pelas repostas dessas e de outras perguntas e pela superação dos desafios da Educação foi que me dediquei ao estudo das datas importantes da história do Brasil e do meme de Internet, recurso extremamente popular atualmente, conhecido por praticamente todos os jovens estudantes. Entender o caráter crítico e criterioso dos estudos históricos me levou, enquanto aluno e professor, a buscar temas, metodologias e recursos que fizessem do ensino de História o mais voltado para o social, cultural e político possível.

Acredito que hoje, nos tempos da informação, das mídias digitais, das redes sociais, as representações das comemorações das datas históricas e sua repercussão nas mídias digitais (que são as mais presentes e acessíveis formas de expressão popular) são tão fortes e importantes de serem analisadas e ressignificadas em pesquisas acadêmicas e trabalhadas nos conteúdos escolares como fontes para ensinar a História do Brasil.

A utilização das datas históricas como construção de uma noção de identidade, de sociedade, de uma memória histórica, isso tudo ainda é muito forte e presente no Brasil atual. E hoje, mais do que nunca, as vozes se multiplicam e as visões, ou *representações*, acerca das datas relevantes da história do Brasil são quase infinitas, e muitas vezes, como se verá mais à frente, ainda enraizadas numa visão de mundo extremamente conservadora e até reacionária.

A historiadora Circe Bittencourt, em seu livro *Dicionário de Datas da História do Brasil* (2007), nos ajuda a pensar sobre a importância desse estudo de datas históricas na atualidade. No livro, a autora traz um apanhado com diversas datas comemoradas ou não, mas que estão presentes de forma oficial no nosso calendário, algumas esquecidas pela maioria da população, como o 7 de janeiro de 1835, dia em que ocorreu o primeiro ataque dos Cabanos contra a cidade de Belém do Pará. Outras bastante presentes em nossas vidas como cidadãos da República brasileira, como o 7 de setembro de 1822, dia do grito da independência do Brasil, e o 15 de novembro de 1889, dia da Proclamação da República.

A ampliar a reflexão sobre algumas das indagações com as quais iniciamos este estudo, Bittencourt (2007) comenta que:

Uma resposta a essas indagações deve partir de uma reflexão sobre a concepção de datas históricas e o significado delas para nossa sociedade. Queiramos ou não, as datas são suportes da memória. Essa consideração é fundamental e realista. E, para nós, constitui uma forma de pensar sobre elas e sobre o seu papel na constituição de um tempo histórico (BITTENCOURT, 2007, p. 11).

Ao ensinar História no século XXI, compreendemos que as datas históricas têm ainda seu lugar privilegiado na constituição de um tempo histórico, de um povo e de uma geração. Por isso mesmo, neste trabalho, utilizarei a definição de Bittencourt (2007) para datas históricas:

As datas, assim, podem ser entendidas como formas de registros do tempo que se ligam à memória dos indivíduos e das sociedades e tornam-se marcos referenciais. Marcam acontecimentos variados e, dessa forma, podem determinar maneiras de rememorar. Transformadas em comemorações, passam a ter poder, a ser referência (BITTENCOURT, 2007, p. 11-12).

Hoje, algumas dessas datas foram transformadas em comemorações, passam a ter poder, a ser referência no tempo da informação e da rede social. Essas datas, que são lembradas e por muitos comemoradas, despertam euforia, ódio, paixão e preconceito. A comemoração de certas datas históricas e o seu reforço na forma de feriado segue a lógica do Estado dominante, de grupos sociais que lutam e persistem em manter vivas suas origens e suas lutas e de grupos que se opõem ao calendário oficial tal como ele é. É importante ressaltar que, sobretudo para os grupos historicamente marginalizados, essas datas não são apenas em si próprias suficientes

para reparar as injustiças históricas. No entanto, são um marco nessa reparação e pela qual devemos lutar.

A disputa pelo sentido histórico representado na data e, por consequência, nas suas representações em imagem, texto, áudio ou vídeo é ferrenha e permanente. O calendário, como produto da nossa cultura, está sujeito às mudanças do tempo, das ideologias e do comportamento dos grupos sociais. O reforço de concepções arraigadas e conhecidas e o revisionismo histórico a respeito das datas históricas do Brasil nunca deixou de existir e acredito que hoje, com a facilidade da comunicação, esse tipo de atitude aconteça muito mais vezes e com maior repercussão.

Um exemplo disso é o dia 15 de novembro. Ao chegar essa data, todos os anos, grupos que ainda hoje defendem a Monarquia como forma de governo para o Brasil se organizam e manifestam suas concepções e ideias na Internet. Essas postagens logicamente fazem uma crítica à República tal como ela é hoje, ressignificando momentos do nosso passado no final do século XIX e atacando políticos e personalidades públicas do presente.

Na contramão desse processo, instituições do poder público e outros grupos organizados utilizam as mesmas redes digitais e os mesmos mecanismos nela presentes para expressar o seu significado da data, podendo exaltar a República, a democracia ou até mesmo fazer do momento um dia de reflexão sobre que República queremos.

Da mesma maneira, essa disputa pelo sentido da data e sua repercussão se repete no 19 de abril, o Dia do Índio. A data representa para os povos originários um dia de luta, como todos os dias têm sido para as populações indígenas desde a chegada do português no litoral. Nesse dia, penso que certamente um dia triste para todos os indígenas, devido à tragédia do genocídio contra eles perpetrado, grupos que defendem a causa indígena e indigenista expressam seu orgulho, orgulho de nossa cultura ameríndia, orgulho da luta pela vida, pelo direito à terra, à moradia e à paz¹⁷.

Orgulho e presença, os indígenas estão vivos e lutam pelos seus direitos, direitos estes que seguem sendo vergonhosamente desrespeitados por uma parte da sociedade não indígena. Nesse dia, enfim, os povos indígenas e os grupos que os representam ou simpatizam com sua causa reafirmam sua presença, importância e luta. Na contramão, páginas e grupos se organizam

¹⁷ Gostaria de registrar aqui a minha indignação em relação aos crimes cometidos contra as populações indígenas durante o período da pandemia mundial provocada pelo vírus da Covid-19. O governo brasileiro do período destacado é responsável por crueldades e políticas de extermínio para com os povos originais. Esses fatos foram narrados e amplamente registrados pelos meios de comunicação nacionais e estrangeiros, sobretudo no ano de 2021. Para saber mais, acessar: <https://cimi.org.br/2020/06/povos-indigenas-tempo-pandemia/>.

na Internet e despejam ódio, ignorância, preconceito e desdém pelos povos indígenas através dos memes.

O calendário oficial, seus feriados, suas datas comemorativas e históricas estão sujeitos a mudanças com o tempo e principalmente com os grupos políticos dominantes. As datas são no calendário e, por consequência, na vida das pessoas em sociedade um ponto de tensão, de disputa, de agregação e de ruptura, de polarização. São expressões de um povo em um tempo e em um lugar convivendo na maioria das vezes em delicada harmonia.

Se hoje a República é exaltada e seus personagens repetidamente relembrados, nem sempre foi assim. Se hoje povos minoritários e historicamente marginalizados se fazem ouvir e estar presentes nas comemorações oficiais do Estado, isso também nem sempre foi assim. Exemplo disso é a época do Império do Brasil:

As comemorações pensadas e fundamentadas, majoritariamente, pelos historiadores do Instituto Histórico e Geográfico eram voltadas para a valorização da monarquia. As memórias relacionavam-se aos feitos dos monarcas, criadores da nação: o 7 de setembro, o 29 de junho, o Dia de São Pedro, o santo protetor dos Pedros, imperadores brasileiros. O 7 de setembro manteve-se após a fase republicana, modificando-se os homenageados e a concepção dos responsáveis pela criação da nação, enquanto o dia 29 de junho perdeu a importância política, mantendo-se como festividade religiosa. Tiradentes, alçado a herói nacional após a implantação do regime republicano, não era personagem mencionado sequer nas aulas de História no decorrer do período imperial do século XIX (BITTENCOURT, 2007, p. 12).

As transformações no calendário ocorrem infelizmente mais rápido do que nas mentalidades. Certamente, não foi fácil para o regime republicano abandonar a herança e o fantasma monárquico. De maneira semelhante, hoje os grupos pró-Monarquia expressam sua insatisfação e rancor para com a República, mesmo essa nossa República atual, tendo pouquíssimo a ver com a velha República de 1889.

A luta e a tensão são da mesma forma marcantes na lembrança e na comemoração de datas conquistadas por grupos historicamente perseguidos e excluídos, como os negros, indígenas, mulheres, pessoas portadoras de necessidades especiais e grupos LGBTQIA+¹⁸, dentre outros.

¹⁸ LGBTQIA+ é o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para essa população. O seu nome demonstra a sua luta por mais igualdade e respeito à diversidade. Cada letra representa um grupo de pessoas. Disponível em: <http://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

A República que se instaurou a partir de 1889 no Brasil ressignificou símbolos do velho regime que destituiu. Os grupos marginalizados, por sua vez, lutaram por décadas, e ainda lutam, contra essa República para fazer sua voz ser ouvida e seus direitos respeitados. Se uns alavancaram ao poder seus ideais e seus mitos, outros deram a vida por um pouco de espaço nessa “vitrine da memória” que o calendário oficial representa.

Pelos motivos aqui elencados, penso que ficaram evidentes a necessidade e a importância de realizar pesquisas como essa com o tema das datas relevantes da História do Brasil realizada no ProfHistória da Unemat-MT, na Educação Básica, em que o ensino efetivo e de qualidade é fundamental para se produzir indivíduos pensantes para as universidades e para o mercado de trabalho. Falemos agora das datas históricas escolhidas para compor esse trabalho.

1.3.1 O 19 de abril

O 19 de abril, Dia do Índio no nosso calendário, é comemorado oficialmente desde o ano de 1943 por meio de Decreto-Lei assinado pelo então presidente Getúlio Vargas. A data foi criada no exterior. Sua origem remonta ao Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, que ocorreu no México justamente no dia 19 de abril do ano de 1940. Mesmo após a sua criação, muito pouco mudou com relação aos avanços em prol da preservação dos povos indígenas, com destaque para a criação da FUNAI – Fundação Nacional do Índio, em 1967, por meio da Lei nº 5.371.

Apesar da violência promovida pelo Estado na década de 1970 do século XX, “Inúmeros movimentos sociais e sindicais surgiram no espaço nacional lutando por direitos dos diversos segmentos da sociedade brasileira, como por exemplo: estudantes, feministas e trabalhadores” (MACENA, 2018, p. 10).

O movimento indígena, assim como os outros movimentos sociais, emergiu no contexto da luta pelo fim da repressão política imposta pela ditadura, sendo que as lideranças indígenas estavam preocupadas em pôr fim à tutela do Estado estabelecida pelo Estatuto do Índio, que preceituava a incorporação dos povos indígenas à chamada comunhão nacional, documento que considerava os índios como relativamente incapazes. Apesar das tentativas de articular o movimento indígena à luta nacional pela democratização do país, esses preferiram manter o caráter de etnicidade nas suas demandas, e buscando entre suas reivindicações a garantia de direitos como a demarcação de terra, o acesso à saúde e uma educação escolar indígena diferenciada, com alfabetização em sua língua materna (MACENA, 2018, p. 10).

Ainda assim, somente a partir da criação do Estatuto do Índio durante a década de 1970 houve avanços no que tange à política indigenista no Brasil. Mesmo durante todo esse tempo, os povos indígenas sofreram com a perseguição, invasão de suas terras e extermínio, assim como ainda sofrem atualmente.

Somente 65 anos depois da sua oficialização no calendário nacional como uma data comemorativa é que a história e cultura dos povos indígenas se tornaram estudo obrigatório nas escolas de ensino básico, por meio da Lei nº 11.645/08, uma das conquistas do movimento dos povos indígenas. O tempo que se levou desde a criação da data até a implementação da lei de obrigatoriedade do ensino causou um abismo enorme entre a população brasileira e a real importância da comemoração e lembrança desse dia.

A consolidação da obrigatoriedade do ensino das culturas e da história indígena, bem como a presença da data comemorativa no calendário nacional são conquistas do Movimento Indigenista e do sangue que muitos derramaram por seus direitos, seu espaço e sua liberdade.

Posso afirmar a partir da experiência em sala de aula que apenas a partir do ano de 2009 é que as escolas públicas e profissionais da Educação têm tentado efetivamente trabalhar a data na forma de eventos, encontros e palestras. Ao professor que se encontra em sala de aula na rede pública de ensino, sobretudo do Mato Grosso, é visível a carência de informação e atividades realmente produtivas como repercussão do Dia do Índio.

Durante anos, acostumamo-nos com atividades do tipo “vestir como índios” as crianças menores e produzir cartazes com os estudantes, em geral reproduzindo concepções pobres e preconceituosas acerca do cotidiano das populações indígenas e sua cultura. No imaginário popular, ainda é muito presente a imagem do índio na mata, em completo isolamento, vivendo nu, utilizando o arco e flecha para conseguir alimento, desprovido de acesso à tecnologia. Trata-se da imagem do índio exótico, vivendo em um mundo paralelo e distante que quase não chega a pertencer ao nosso mundo. Esse tipo de imaginário contribui para reforçar preconceitos e estereótipos há muito tempo enraizados na cultura dos brasileiros não indígenas.

Maria Elisa Ladeira e Luiz Augusto Nascimento (2007) corroboram a afirmação de que mesmo hoje o reforço de ideias ultrapassadas acerca das populações indígenas ainda é marcante:

Os indígenas sempre reclamam que os cristãos – palavra bastante utilizada por eles para classificar os não-índios – lembram-se de seu povo somente no dia 19 de abril, porque nessa data precisam apresentar para o mundo marcas dos antecedentes históricos da formação da cultura nacional. É justamente nesse período que as escolas dos não-índios reforçam a ideia de um índio genérico,

mostrando um indivíduo estilizado. Professores acentuam o arco, a flecha, a rede, o penacho e a oca como os únicos artefatos do(s) índio(s). Ensinam que Tupã é o deus único e todos os indígenas no Brasil são falantes da língua Tupi. Durante muito tempo, os índios foram retratados nos livros didáticos seguindo essa concepção, que enfoca os indígenas como personagens distantes da nossa realidade, prestes ao desaparecimento, e que devem ser relembrados no dia 19 de abril (LADEIRA; NASCIMENTO, 2007, p. 100).

Vejamos nas figuras a seguir alguns exemplos de imagens relativas ao 19 de abril e que podem ser aproveitadas pelos professores de História nas aulas no ensino básico:

FIGURA 03 - Meme “Fantasia de índio”.



**19 de abril, Dia do índio!! é
preciso respeitar as terras e
cultura indígena sempre!!!**

Fonte: <https://me.me/i/confesso-jacheguei-assimem-casano-diaodindio-19-de-abril-dia-do-1529593>.
Acesso em: 29 jul./ 2021.

Esses equívocos cometidos justamente por quem deveria problematizar a ideia de uma data que sirva de reflexão do que aconteceu com os povos indígenas e propostas do que ainda se pode fazer contribuem para a reprodução de imagens que expressam a violência, o preconceito e o ódio contra as populações indígenas.

Ao mesmo tempo, na Internet, podemos encontrar as possibilidades de desconstruir esses estereótipos utilizando memes que estimulem a reflexão mais profunda e sensível acerca da questão indígena em nosso país. A Internet, como um campo plural e de acesso generalizado,

produz bons materiais que podem e devem ser aproveitados pelo professor em aula, utilizando um recurso que o aluno muitas vezes já traz de casa: o celular.

FIGURA 04 - Meme “Dia do Índio”.



Fonte: <https://www.glimboo.com/imagens Dia do indio.php>. Acesso em: 29 jul. 2021.

A Figura 03 faz uma crítica bem-humorada à prática de vestir os alunos como se fossem indígenas, ou como é a representação dos não-indígenas sobre o índio. O meme tem todos os elementos que compõem esse tipo de imagem: uma figura editada com uma legenda que se relaciona com essa mesma figura, contribuindo para que o usuário possa refletir sobre determinado tema. No caso desse meme, foi utilizada a imagem do suricato, um animal natural das savanas africanas e que é muito popular na Internet na utilização de memes e crianças “fantasiadas de indígenas”. O texto que acompanha a figura ironiza essa prática preconceituosa e reforça a importância do respeito aos povos indígenas.

A Figura 04 é um meme em formato de GIF¹⁹ que aborda o 19 de abril de maneira positiva, fazendo um trocadilho com palavras da língua portuguesa e reforçando no seu texto a importância do respeito, na intenção de humanização dos povos nativos para os não-indígenas. O meme utiliza a representação em desenho de um indígena com uma ave em sua mão e

¹⁹ GIF (*graphics interchange format* ou formato de intercâmbio de gráficos) é um formato de imagem muito usado na Internet, e que foi lançado em 1987 pela Compuserve, para disponibilizar um formato de imagem com cores em substituição do formato RLE, que era apenas preto e branco. Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2012/04/o-que-e-gif.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2021.

elementos da cultura indígena. No seu rosto, a pintura traz as cores da bandeira nacional e ao fundo a representação de uma mulher indígena em um rio.

A política adotada no Brasil Império de abordar os povos indígenas somente como ancestral comum da formação do povo brasileiro foi fortemente repetida durante o período da ditadura militar, num contexto cívico e patriótico que pretendia transmitir a imagem de consolidação de um Estado nacional *uno* (BITTENCOURT, 2007).

É somente a partir da redemocratização em 1988, com a promulgação da Constituição cidadã, que os povos indígenas galgaram a chance de efetivamente defenderem seus interesses dentro do sistema jurídico e político nacional. Esse atraso na efetivação dos direitos indígenas e no ensino da História e da cultura desses povos muito contribuiu e ainda contribui para uma tensão perceptível e recorrente no 19 de abril. Acredito que essa data é um ponto de tensão no nosso cotidiano em sociedade e por isso mesmo merece ser analisada e discutida, sempre na intenção de fortalecer os laços entre indígenas e não-índios e de refletir sobre os erros cometidos e as chances que temos de ao menos amenizá-los.

1.3.2 O 20 de novembro

O 20 de novembro representa bem a capacidade da Internet e das redes sociais de radicalizar e transmitir todo tipo de ideal de maneira rápida e repetitiva (cópia), por vezes contribuindo para a desinformação e a propagação de notícias falsas. Nos últimos anos, com o advento e a popularização dos smartphones, temos experenciado um oceano de memes e virais que atacam a data e desviam completamente o foco do sentido que a luta pela igualdade racial representa.

A colunista do Uol Cristiane Guterres (2020), três dias antes do 20 de novembro, escreve sobre sua expectativa para a comemoração da data naquele ano. Na coluna em questão, a jornalista discute o famigerado viral conhecido como o “vídeo do Morgan Freeman sobre o racismo”. No vídeo, o ator norte-americano afirma que o mundo se verá livre do racismo quando pararmos de falar sobre racismo. Esse vídeo, bastante conhecido das redes sociais, uma vez por ano é amplamente compartilhado na clara intenção de desmoralizar e deslegitimar os movimentos negros que lutam por igualdade e justiça.

Guterres (2020) preconiza em sua coluna:

Faltam apenas três dias para a branquitude brasileira se refestelar sentando o dedo com vontade no botão “compartilhar” das redes sociais e inundar o universo virtual com o vídeo do Morgan Freeman afirmando que para o

racismo deixar de existir é só a gente parar de falar sobre ele. Todo Dia da Consciência Negra (20/11) tem sido assim (GUTERRES, 2020, p. 01).

Uma discussão sobre as representações das datas importantes da História do Brasil não poderia deixar de fora o Dia da Consciência Negra. Nas redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e outros, esse dia é uma das mais efervescentes datas do calendário, causadora de acalorados debates entre internautas de todas as correntes políticas. Alguns dos materiais produzidos no contexto desse dia deixam claro o racismo brasileiro, que nunca arrefeceu e que foi alimentado em silêncio pelo mito da *Democracia Racial*²⁰.

Racistas de todos os cantos do país destilam ódio e ignorância e multiplicam a propaganda racista que desinforma e polui. Com as mesmas ferramentas, tantos outros internautas lutam contra a desinformação, *fake news* e radicalismo, Guterres (2020) é uma delas. Jornalista, mulher negra, escreve colunas em um *site* tentando utilizar os mecanismos que a Internet proporciona para fazer sua mensagem alcançar o maior número possível de pessoas. Na mesma coluna já citada, a jornalista e internauta se queixa da falta de estofo (conhecimento) de muitos internautas:

Já faz algumas primaveras que muitas pessoas preferem compartilhar este tipo de conteúdo em novembro ao invés de se permitir a ler um parágrafo das escrevivências de pensadores negros brasileiros como Sueli Carneiro, Abdias do Nascimento, Djamila Ribeiro ou Silvio de Almeida (GUTERRES, 2020, p. 01).

De fato, muitos desconhecem inclusive a origem do 20 de novembro. O Dia da Consciência Negra foi instituído oficialmente no calendário pelo Governo Federal no ano de 1995, quando a data marcava os 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, um dos principais líderes negros e que resistia à escravidão no século XVII. “Zumbi liderou o quilombo do qual carrega o sobrenome durante décadas na luta pela liberdade da opressão branca no sertão do nordeste brasileiro, foi perseguido e assassinado pelas forças da coroa portuguesa após dura resistência dos quilombolas” (OLIVEIRA, M. A., 2007, p. 271).

²⁰ A democracia racial é um termo usado por algumas pessoas para descrever relações raciais no Brasil. O termo denota a crença de alguns estudiosos que o Brasil escapou do racismo e da discriminação racial. O conceito foi apresentado inicialmente pelo sociólogo Gilberto Freyre, na sua obra *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1933. Fonte: <https://www.infoescola.com/sociologia/democracia-racial/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Apesar de enfrentar durante séculos o silêncio sistemático imposto por aqueles que buscaram esvaziar as lutas dos africanos cativos e seus descendentes, a memória de Zumbi dos Palmares permaneceu viva e cultivada por gerações que se recusaram a calar diante do racismo e discriminação travestidos de “democracia racial”. As lutas da população afrodescendente tornaram possível a inclusão do Dia da Consciência Negra como data cívica nacional incorporada no calendário escolar (OLIVEIRA, M. A., 2007, p. 271).

Fruto de séculos de luta contra a opressão, discriminação e violência, a data simboliza uma vitória dos movimentos negros no Brasil, que nunca se calaram frente à opressão muitas das vezes perpetuada pelo próprio Estado, que é justamente aquele deveria defendê-los, o que sempre tornou muito mais difícil a realização das demandas do Movimento Negro.

É preciso lembrar ainda que parte significativa das incorporações das demandas da população afrodescendente decorre das suas próprias lutas ao longo da história, da busca do reconhecimento na sociedade brasileira. Sua trajetória tem sido marcada pela luta contra e exclusão social. Essa luta da população afrodescendente tem se fortalecido por entidades tais como o Movimento Negro Unificado, fundado em 1978, que ajudou a reorganizar os movimentos negros a partir dos anos de 1970 e é uma referência para a militância negra atual, e o Geledés (Instituto da Mulher Negra), que luta pelos direitos das mulheres negras (OLIVEIRA, M.A., 2007, p. 273).

Marcos Antônio de Oliveira reafirma a importância e utilidade da data no calendário nacional:

O Dia da Consciência Negra não serve para ações comemorativas laudatórias com fundo mítico. O 20 de novembro busca promover ações afirmativas de valorização da população afrodescendente brasileira, mantendo luz sobre nosso passado escravista e criando formas de construir ações de combate ao seu legado funesto (OLIVEIRA, M. A., 2007, p.271).

No campo do ensino de História, a cultura e história dos povos africanos e seus descendentes passou a ser parte obrigatória dos currículos das escolas brasileiras a partir da Lei n. 10.639/03. Isso após décadas de luta dos movimentos negros por representatividade e igualdade.

No campo educacional, o Movimento Negro tem promovido ações significativas no sentido de ampliar as possibilidades de acesso da população afrodescendente à instrução pública, gratuita e de qualidade. São ações que tentam romper as barreiras e a dificuldade de acesso às universidades públicas,

assim como as consequências de ações discriminatórias, como, por exemplo, as leis do Império que tentaram impedir o acesso dos negros à instrução pública, conforme estabelecido pelo Decreto n. 1.131, de 17 de fevereiro de 1854, o Decreto n. 7.032 – A, de 6 de setembro de 1878. Existem hoje constantes mobilizações junto ao setor educacional visando projetar e valorizar aspectos relegados da história e da cultura afro-brasileira. Foi essa atuação que tornou possível a instituição da lei federal que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas brasileiras (OLIVEIRA, M. A., 2007, p. 273-274).

Na sala de aula, o professor pode não apenas se limitar a discutir Zumbi dos Palmares, mas também trazer o conteúdo o mais próximo possível da realidade do seu aluno. Nesse ponto, as escolas públicas brasileiras são um campo profícuo, pois material humano não falta. Vejamos a seguir a Figura 05:

FIGURA 05 - Meme “Mozart e a consciência negra”.



Fonte: <https://twitter.com/LuhBorg31541921/status/1064892836825481218>. Acesso em: 28 jul. 2021.

Não faltam também memes de Internet, personalidades negras, reportagens muitas vezes sensacionalistas, documentários, filmes e mais uma centena de materiais que podem contribuir para que o conteúdo da história e cultura negra não se limite ao dia 20 de novembro do ano letivo. Da mesma forma que imagens preconceituosas e que estimulam a violência são produzidas e compartilhadas, tantas outras imagens podem contribuir no caminho inverso, levando à reflexão crítica e construtiva sobre esse importante marco do calendário nacional.

No exemplo da Figura 05, podemos perceber o discurso de parte da população branca, que critica a data institucionalizada do Dia da Consciência Negra. O meme ironiza uma fala já muito conhecida e superada. O texto é combinado com uma pintura do compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart, numa montagem em que ele aparece revirando os olhos em sinal de cansaço e reprovação ao escutar a frase racista que compõe o texto. A partir de uma aula sobre o tema da escravidão negra, do racismo e da violência sofrida pela população negra no Brasil, é possível utilizar o meme de maneira proveitosa e bem-humorada.

FIGURA 06 - Meme “Dia da Consciência Negra”.



FIGURA 07 - Meme “Personagens televisivos”.



Fonte: <https://me.me/i/20-de-novembro-odiaco-omac-oo-eiros-odia-odiaco-deiros-5906484>.
Acesso em: 05 jan. 2022.

As figuras 06 e 07 são semelhantes no sentido do que buscam transmitir. A primeira, retirada do site Odara Instituto da Mulher Negra, apresenta uma mulher negra em posição de poder numa instituição social majoritariamente branca, masculina e heteronormativa. O meme critica as representações vazias que por vezes são produzidas e compartilhadas em repercussão ao 20 de novembro. Segundo o próprio site:

Se por um lado o Movimento Negro sempre lutou com bandeiras como visibilidade e representatividade negra, é uma vitória que todos os setores da sociedade se mobilizem para darem opiniões sobre o racismo, nem que seja com essas homenagens bregas e malfeitas que brotam dos marketings de multinacionais aos RHs de pequenas empresas. Por outro lado, tem um monte de nós que já pegou a visão de que o capitalismo esvazia a importância histórica desta data; que pequenas homenagens, citações, imagens que

ressaltam a igualdade a partir da equiparação visual e discursiva entre negros e brancos, não ajudam na luta contra o racismo, não param a necropolítica, não nos tira dos lugares de pobreza e discriminação (INSTITUTO ODARA, s.d., *on-line*)²¹.

Se a Figura 06 apresenta uma mulher negra em posição de poder, a Figura 07 traz uma montagem com vários personagens negros de *cartoon*²², animes e séries norte-americanas, que são protagonistas e/ou personagens importantes nas suas respectivas histórias. Essas figuras são populares entre os alunos do ensino básico. Dessa forma, o meme pode ser utilizado para estimular o orgulho negro e auxiliar em explicações sobre o empoderamento da população negra. Tanto o primeiro quanto o segundo meme, portanto, representam os negros como sujeitos de destaque, autores da própria história e protagonistas na sociedade e na mídia televisiva.

1.3.3 O 15 de novembro

Longe de uma interpretação única sobre os fatos que ocorreram no dia 15 de novembro de 1889 e seus desdobramentos, a Historiografia contemporânea nos traz várias interpretações que dão sentido à Proclamação da República.

Nas manifestações dos navegantes internautas, podemos perceber também essa multiplicidade de sentidos para essa data especial no calendário nacional, principalmente se o regime político do momento vai mal. O fato é que a República brasileira, ao nascer de um golpe promovido pelas Forças Armadas e não se orientar no princípio da participação do povo na construção de uma instituição para o povo, sempre suscitou debates acerca da participação popular no exercício do poder no Brasil até os dias atuais.

No dia 15 de novembro, é comum a Internet ser inundada por memes que promovem a Monarquia, criticam o atual sistema político, exaltam as Forças Armadas e levantam dúvidas quanto à “eficiência” do sistema republicano. Outros memes e objetos virtuais trazem a imagem de Deodoro da Fonseca e pinturas que ilustram a história nacional em livros didáticos desde o século passado.

A historiadora Suely Reis de Queiroz apresenta uma visão da multiplicidade de sentido que essa comemoração desperta, apenas dentro do campo da Historiografia:

²¹ Disponível em: <http://www.institutoodara.org.br>. Acesso em: 29 jul. 2021.

²² Segundo o *Dicio*, Dicionário Online de Português: [Literatura] História publicada em quadrinhos; história em quadrinhos. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cartoon/>. Acesso em: 29 jul. 2021.

Muitos contemporâneos, à semelhança do monarquista Eduardo Prado, consideram-na [a Proclamação da República] apenas o “fruto de um levante de soldados alheio à vontade do povo”. Outros viram-na como uma fatalidade histórica, argumentando que o regime imperial, enclausurado em instituições tradicionais, condenara-se à substituição pelo novo: no caso, a República. Outros ainda atribuíram-na a perseverante atuação do grupo republicano, que compensava sua inexpressividade numérica com o entusiasmo de quem persegue um belo ideal. Para os historiadores atuais, como Emilia Viotti da Costa, por exemplo, o 15 de novembro está ligado às transformações econômico-sociais ocorridas ao longo do século XIX, tendo sido possível devido à conjugação de três forças: uma parcela do Exército, fazendeiros do oeste paulista e representantes das camadas médias urbanas que contaram com o desprestígio da Monarquia e o enfraquecimento das oligarquias tradicionais (QUEIROZ, 2007, p. 263).

Como foi dito, na Internet o debate acerca das comemorações é acalorado e representa bem os diversos grupos com múltiplos interesses e que estiveram de alguma maneira ligados aos acontecimentos que levaram ao dia 15 de novembro de 1889.

No ensino de História hoje, o professor tem nessa data a oportunidade de problematizar justamente os interesses políticos, econômicos e ideológicos que levaram à mudança do sistema político no Brasil, e, através dos memes de Internet, problematizar como os mais variados grupos ainda disputam interesses e território na nossa jovem democracia, que é, sobretudo atualmente, abalada por ventos autoritários que nada representam o ideal republicano.

FIGURA 08 - Meme “Kiko e a Proclamação da República”.



Fonte: <http://profdaianafontana.blogspot.com/2018/07/mapa-conceitual-republica-velha-com.html>.
Acesso em: 01 ago. 2021.

A Figura 08 tem o típico formato de um meme de Internet. Utiliza a imagem de um conhecido personagem, o Kiko do seriado Chaves, muito popular no Brasil e em outros países da América Latina, foi exibido desde a década de 1990 até recentemente na televisão aberta. Essa imagem do Kiko é utilizada em diversos memes diferentes; troca-se apenas o texto, desde que faça algum sentido junto com a imagem.

O texto do meme acima busca evidenciar a questão da pouca ou nenhuma participação popular no advento da República no Brasil. Sabemos que o movimento que proclamou a República partiu de dentro de camadas das Forças Armadas e das elites econômicas e políticas do Brasil, apresentando pouco caráter popular.

Atualmente, o conteúdo pode demonstrar certa dificuldade de adesão por parte dos estudantes. O meme ajuda a ilustrar a questão e incentiva o aluno a pesquisar mais sobre o assunto a fim de aprender a posição do povo brasileiro frente às mudanças da política nacional.

FIGURA 09 - Meme “D. Pedro II”.



Fonte: <https://onortefluminense.blogspot.com/2017/11/dia-da-proclamacao-da-republica.html?m=0>.
Acesso em: 29 set. 2021.

Diferente do 19 de abril de 20 de novembro, a instituição da data comemorativa da Proclamação da República no calendário nacional não se deu por força de movimentos populares marginalizados e violentados ao longo da História. A criação da data reside no próprio processo republicano, que precisava de legitimidade frente à grande transformação política e cultural que representava o exílio e o fim da família real no Brasil.

Essa informação precisa ser levada em consideração pelo professor que trabalhará esse tema e com a utilização de memes a esse respeito. Na Figura 09, temos a representação de uma fotografia de Dom Pedro II, último imperador do Brasil e possivelmente o último monarca absolutista de origem europeia. Ele foi exilado e destituído de seus títulos no 15 de novembro de 1889.

A imagem é apresentada juntamente com um texto, de maneira a compor os elementos clássicos que formam um meme. O texto ironiza o que representaria o dia da Proclamação da República para o imperador do Brasil. Como o movimento se iniciou dentro das Forças Armadas, instituição subordinada legalmente ao imperador, essa mudança política que alguns chamarão de revolução e outros de golpe é abordada pelo meme como uma traição à família que governava o Brasil no final do século XIX.

A imagem pode ser utilizada pelo professor como ilustração da disputa que ainda hoje existe sobre o discurso acerca dos fatos que ajudaram a compor a derrocada da família real brasileira. Na Internet, a disputa entre monarquistas e republicanos é grande e fica evidente nas eleições gerais e na data de comemoração do processo republicano.

2 A TECNOLOGIA A FAVOR DO ENSINO DE HISTÓRIA

O livro didático ainda é a principal ferramenta utilizada pelos professores da Educação Básica. Depois de se aprimorar ao longo dos anos e sofrer diversas críticas, hoje os livros são, em sua maioria, muito bons e trazem consigo diversos textos atualizados às novas demandas educacionais e sociais. Além de trazer imagens ilustrativas que fazem parte do *hall* de imagens históricas que sempre aparecem nos conteúdos de História.

Um livro didático é uma ferramenta material que tem vários usos na Educação e na prática escolar. Em alguns casos, parece ser o único material para professores organizarem cursos (CARIE, 2008). Segundo Bittencourt (2009), é a ferramenta de trabalho mais utilizada entre professores e alunos nas tradições escolares. Faz parte do cotidiano há pelo menos dois séculos. É um objeto cultural difícil de definir, mas facilmente distinguível de outros livros.

No entanto, não são apenas os livros que estão disponíveis para professores e alunos. Existe uma grande quantidade de recursos imagéticos e visuais, em geral com potencial expansivo para o uso nas escolas de Educação Básica. Além disso, alguns alunos apresentam dificuldades em compreender certos conceitos históricos presentes nos livros didáticos. O uso de memes pode ajudar a elucidar esse processo, ao evitar a memorização e repetição apenas de conteúdo, colaborando para obter um bom desempenho nas avaliações.

Com base no estudo produzido por Alessandra Andrade, intitulado *Memes históricos: uma ferramenta didática nas aulas de história* (2018), entendo os *cartoons* e desenhos animados como elementos de imagens e representações sociais com características comuns. Por exemplo, personagens humorísticos podem apresentar elementos-chave e ter temas diferentes. À medida que a tecnologia avança e a acessibilidade da Internet aumenta, esses elementos circulam nas mídias digitais e nas redes sociais assim como os memes.

Segundo Santos (2011), as representações encontradas na sociedade são produtos do ser humano e podem ser “[...] identificadas e explicadas de uma perspectiva coletiva, mas não ignorarão o indivíduo. É uma forma de conhecimento que tenta estabelecer uma realidade comum para um só grupo social” (SANTOS, 2011, p. 32). Os memes se inserem nessa perspectiva, embora não estabeleçam uma realidade comum para um só grupo.

Ao se constituir enquanto produtos das representações sociais individuais e coletivas, os memes ajudam a reforçar conceitos, valores e estereótipos, compondo assim as representações sociais. No caso da História enquanto disciplina, muitos desses objetos têm por conteúdo temas que são da esfera de conhecimento da Historiografia. Dessa forma, o trabalho

com os memes na sala de aula deve contribuir para percorrermos um caminho inverso ao da imagem pronta, identificando e desconstruindo os sentidos (ANDRADE, 2018).

A moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. Silva (2005) aponta que a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas, e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: “quem sou eu?”, “o que eu poderia ser?” e “quem eu quero ser?” (SILVA, 2005 *apud* BECKO; MAIA; PIENIZ, 2012, p. 03).

Os elementos de imagem resultantes dos memes refletem as experiências de indivíduos ou grupos, incluindo, assim, suas características culturais e elementos do cotidiano. Portanto, as representações simbólicas expressas na sociedade podem ser entendidas como parte do processo cultural, no qual são os elementos de formação e expressão da identidade. É neste contexto que o trabalho com memes visa a promover a formação de identidades e servir de elo entre o universo vivido pelos alunos e os temas históricos discutidos nas aulas de História (ANDRADE, 2018).

Segundo Henriques (2007), os memes como símbolos e expressões culturais estão imersos no meio digital e inseridos no processo de comunicação proporcionado pela Internet, o que possibilita:

Uma forma de interação social diferenciada dos outros meios de comunicação, e que pode ser compreendida como uma forma mais próxima das relações interpessoais, onde os indivíduos comunicam-se através de um mediador, um suporte, mas que através dele conseguem uma comunicação mais direta entre si do que com outros meios de comunicação. Essa comunicação facilita a troca de sentimentos, sensações e pensamentos entre os indivíduos participantes deste processo (HENRIQUES, 2007, p. 05).

A familiaridade dos alunos com o mundo virtual costuma levar a uma maior interação e comunicação entre eles. Ao contrário dos momentos presenciais, a Internet possibilita a acessibilidade e permite que mais tempo seja gasto neste tipo de interação, que pode ocorrer dentro e fora da sala de aula. Com isso, os memes passam a atuar como elementos de interação entre o mundo virtual e o ambiente escolar, amplamente visitados e utilizados pelos alunos.

Para a historiadora Alessandra Andrade (2018), a História é uma disciplina geradora de conhecimento a partir das fontes. O ensino de História deve contribuir para uma formação

voltada para o conhecimento crítico, autoconsciente e autônomo dos alunos por meio das mídias e das redes sociais. Sendo assim, os memes devem desempenhar um papel no desenvolvimento da interpretação crítica porque são compostos principalmente de imagens humorísticas e textos curtos que transmitem ideias como forma de comunicação.

Esta forma de expressão está cada vez mais em evidência na nossa sociedade por meio das novas linguagens midiáticas e se inseriu na vida dos jovens, possibilitando que as pessoas leiam o mundo de diferentes formas e encontrem formas de adquirir e compartilhar conhecimentos por meio da Internet.

Na sociedade atual, a inclusão digital tornou-se uma realidade, principalmente entre os jovens que estudam ou estudaram recentemente o ensino fundamental e médio. Nós, professores, enfrentamos o desafio de ensinar ocupando novos espaços e utilizando novos recursos pedagógicos e midiáticos, pois, na era em que o potencial criativo das ferramentas digitais *on-line* se transforma em educação escolar, o digital como linguagem de expressão torna-se um elemento de transformação (ANDRADE, 2018).

Um dos objetivos do ensino de História é pensar a partir de uma perspectiva histórica (OLIVEIRA, M. M., 2010). Portanto, o ensino de História deve ser entendido como uma condição para que os alunos participem do processo de construção da História, o que ajuda a formar cidadãos conscientes de sua importância e que possam participar ativamente da sociedade.

Vale ressaltar que os livros didáticos devem utilizar o conteúdo e os métodos propostos pelo autor e analisados pelo PNLD²³ como ferramenta para promover esse tipo de pensamento. No entanto, se os alunos não conseguem entender os conceitos históricos introduzidos no livro didático devido à dificuldade de interpretação de texto, desinteresse com a disciplina ou outra questão, esses objetivos não podem ser alcançados.

Para Andrade (2018), os conceitos apresentados nos livros didáticos (como tempo, espaço, país, território e outros.), fáceis de entender, são essenciais para o desenvolvimento da construção do conhecimento histórico, pois a História possui conceitos próprios e conceitos gerais derivados da experiência humana. “[...] É impossível dizer o que algo é sem dizer o que é. A reflexão dos fatos significa o despertar de conceitos” (SCHLEGEL *apud* PROST, 2015, p. 115).

²³ O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de Educação Básica do país. Fonte: <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Em outras palavras, os alunos começam a construir conhecimento histórico a partir do momento em que entendem os conceitos históricos. O primeiro contato acontece nos livros didáticos, a partir dos quais começam a aplicar esse conhecimento em suas vidas.

Considerando a importância fundamental do pensamento histórico para os alunos formarem uma consciência crítica, trabalhar e utilizar os conceitos históricos de forma compreensível deve ser um problema ao qual os professores devem prestar atenção em sala de aula (SCHMIDT, 1999). Dando continuidade à idéia da autora, que expõe suas reflexões sobre a relação entre conceitos, livros didáticos e formação de professores, vale a pena mencionar no contexto desta discussão que:

O trabalho com conceitos históricos já vem sendo considerado como parte substancial no ensino de História. Alguns livros didáticos, por exemplo, têm proposto que isto seja feito sob a forma de exercícios, do tipo "Assimilando Conceitos", ao final de cada capítulo estudado. Neste caso, trata-se de uma atividade de aplicação do conteúdo estudado, onde o conceito é visto apenas como produto do conhecimento adquirido pelo aluno e não como uma construção sistemática, que pode ocorrer em várias situações, tendo como referência o próprio conhecimento prévio do educando (SCHMIDT, 1999, p.147).

No ensino de História, quando os professores propõem trabalhos com documentos e linguagens diversas, como é o caso da mídia, a construção, aquisição e utilização de conceitos históricos com seus alunos devem ser tomadas como um dos pressupostos do trabalho docente. Portanto, ao ministrar a disciplina, o professor deve procurar formular estratégias que priorizem o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas aos conceitos de humanidades, conforme preconizado pela BNCC²⁴, podendo constar em livros didáticos e ambientes virtuais, pois os alunos da Educação Básica precisam ter desenvolvidos os conhecimentos historicamente construídos, como o conteúdo e os conceitos básicos de um pensamento crítico, ético e transformador (ANDRADE, 2018).

Dessa maneira, o ensino de História deve fornecer aos alunos elementos de construção do conhecimento que possam ser utilizados em diferentes períodos. A aula, quando aplicada de forma estimulante, permite que os alunos estabeleçam uma conexão entre os conteúdos aprendidos nos livros e nas salas de aula e o seu cotidiano e áreas de interesse, o que favorece o protagonismo social e ajuda a formar uma identidade.

²⁴ A Base Nacional Comum curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

Tornar o ensino de História atraente, dinâmico e significativo, usar memes como ferramentas de ensino em sala de aula, usar os livros didáticos e buscar introduzir métodos novos no processo educacional, com o uso da tecnologia como pré-requisito, não está diretamente relacionado a computadores ou dispositivos complexos, mas utiliza-se algo que escolas e alunos costumam ter: smartphones pessoais. Assim, a proposta é usar esses telefones como aliados didáticos.

Atualmente, os memes mais populares da *web* não são mais entregues por e-mail, mas compartilhados em redes sociais ou aplicativos de mensagens. Ao contrário do texto em cadeias de e-mail, imagens são usadas. Isso se deve à fácil edição, que inclui sites para a criação de memes. Um exemplo desse tipo de site é o Gerador de Meme²⁵, onde o usuário pode selecionar uma imagem e nela inserir um texto para criar um meme (ANDRADE, 2018).

A disseminação de imagens em memes ocorre porque tem a função de expressar ações, sejam elas alegria, tristeza, ironia, irreverência, dentre outras. Todavia, uma mesma imagem pode ser inserida e compreendida em diferentes contextos, transmitida em diferentes espaços e absorvida em diferentes ambientes.

É difícil especificar o tempo de duração de um meme e os critérios de seleção das imagens, pois cada indivíduo ou grupo que porventura edita e fabrica memes pode selecionar uma imagem específica para cada caso. Isso ocorre porque algumas imagens têm significado no contexto, enquanto outras não. Por exemplo, os formandos em História podem usar imagens de historiadores importantes para produzir os memes, enquanto os especialistas em Química podem usar fórmulas de elementos da tabela periódica para produzir memes.

Além disso, esses objetos virtuais costumam refletir o que aconteceu na época de sua fabricação, e há muitas maneiras e objetivos para criá-los. É por isso que sua duração é tão difícil de determinar, porque suas características acompanham todos os aspectos de sua aparência. O uso de memes se aplica a praticamente todas as situações.

Ainda segundo Andrade (2018), devido à grande variedade de recursos de mídia disponíveis na Internet e a vitalidade que eles fornecem, em alguns casos, o compartilhamento de informações pode ocorrer entre os usuários da Internet sem a verificação adequada de sua autenticidade. Nesses momentos, pode haver uma proliferação de conteúdos compostos por preconceito, intolerância, incentivo à violência e pensamento conservador, o que se deve ao equívoco sobre a liberdade de expressão proporcionada pelo ambiente virtual (CADENA, 2017).

²⁵ Disponível em: <https://imgflip.com/memegenerator>. Acesso em: 20 set. 2021.

Nesse caso, o ensino de História pode usar a análise dos objetos virtuais de maneira crítica, incluindo a busca pela variação de metodologias no processo de ensino-aprendizagem, de modo a utilizar esses recursos de forma responsável.

Lucchesi e Costa (2018) discutiram a interpretação, crítica e elaboração de narrativas históricas de fontes do mundo digital no âmbito da obra de historiadores. Ela chamou essa modalidade de "história digital", proposta como um desafio para historiadores preocupados em compreender a tradição e o processamento de arquivos. Por reconhecer que os memes a serem analisados são aqui considerados fontes midiáticas históricas, a discussão pode ser estendida ao ambiente escolar no contexto deste trabalho:

Se assumirmos que a *Internet* será o principal arquivo do futuro, que tipo de competência crítica os historiadores devem adquirir ou possuir para serem capazes de verificar a autenticidade de uma fonte *online*? Se as futuras gerações de historiadores querem manter essa competência chave no âmbito de sua disciplina e de seus hábitos, eles vão precisar desenvolver habilidades da ciência da computação, na análise de imagens digitais e em tecnologias de rede (FICKERS, 2012, p. 07 *apud* LUCCHESI; COSTA, 2016, p. 80).

As informações presentes em arquivos da Internet são utilizadas como fonte histórica. Portanto, é necessário verificar a autenticidade. O desenvolvimento de tecnologia de rede e habilidades de análise de imagens devem ser um pré-requisito para que historiadores e professores usem esses recursos digitais.

Os desafios que os autores colocam aos historiadores, em termos de trabalho no mundo digital, podem ser estendidos aos professores ao utilizar métodos que incluem mundos virtuais para realizar atividades de ensino, como o ensino híbrido ou o uso de memes.

Para acolher os estudantes que utilizam o universo virtual cotidianamente, em uma sociedade em que cada dia é mais comum entre as pessoas a busca por informações através da Internet, devemos procurar a construção de escolas mais flexíveis, menos autoritárias, cedendo lugar para ambientes aconchegantes, atrativos, estimuladores e criativos (ANDRADE, 2018, p. 69).

O acesso à Internet no Brasil tem crescido exponencialmente. A taxa de utilização das redes sociais supera a de países da América do Sul, como Argentina e Chile:

Os dados apresentados chamam a atenção para o uso crescente de dispositivos móveis, linhas telefônicas e acesso à Internet, fatores que reforçam a ideia da

busca pelo uso pedagógico dos recursos digitais como caminho alternativo para o Ensino de História através de metodologias dinâmicas e interativas que possam relacionar o ambiente digital à tecnologia, aproveitando o uso que os alunos já fazem da Internet utilizando seus dispositivos móveis, integrando-os aos objetivos do Ensino de História através da análise e produção de memes em um ambiente digital que neste trabalho é exposto em um blog educativo (ANDRADE, 2018, p. 78).

É inegável que vivemos em um mundo amplamente digital. Neste mundo, seja dentro ou fora da escola, a tecnologia passou a fazer parte do nosso dia a dia. Com a imersão na sociedade digital, os alunos precisam se integrar de forma consciente e as escolas devem contribuir para essa integração. Tais fatores podem levar a um abismo entre o conhecimento escolar formal e o mundo digital, bem como a exclusão digital. Além de não permitir uma participação mais ampla e efetiva na sociedade e dificultar o acesso ao mercado de trabalho, não ter acesso à comunicação também restringe a cidadania.

A legislação determina que um dos objetivos da Educação é a formação cidadã²⁶. Entendo que ingressar no mundo da comunicação e das mídias digitais faz parte do processo de socialização e construção da cidadania. Então, as escolas e os profissionais da Educação devem entender o que a sociedade está fazendo em um mundo cada vez mais digital e tecnológico.

2.1 MEMES CONSERVADORES E PRECONCEITUOSOS

Nas páginas a seguir, apresentamos ao leitor os memes selecionados para compor a análise. Essas figuras foram encontradas em diversos blogs e redes sociais. São imagens que circulam na rede mundial de computadores e que são, cada uma a seu modo, compartilhadas, curtidas e algumas vezes criticadas pelos usuários.

As representações a respeito principalmente dos povos indígenas e negros vinculadas por esses memes expressam velhas concepções e preconceitos ainda muito enraizados entre os brasileiros, demonstrando uma dificuldade histórica da nossa sociedade em progredir no sentido da justiça social e da harmonia entre diferentes culturas.

Não quero dizer com isso que avanços não foram estabelecidos. Muito pelo contrário, a própria existência dessas figuras conhecidas como memes e que abordam temas que expressam

²⁶ Para saber mais, ver as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 10 nov. 2021.

tensão social são uma consequência da visibilidade do debate em torno dos direitos indígenas e dos descendentes dos escravizados nas últimas décadas.

Acreditamos no debate, no diálogo como uma das principais ferramentas para superarmos e repararmos os muitos anos de injustiças e violência que se abateram sobre as populações marginalizadas no Brasil. Penso que essas imagens, com conteúdo altamente preconceituoso, são fruto da ignorância daqueles que as produziram, compondo o quadro social em que vivemos atualmente, bastante caracterizado pelos avanços conquistados a partir da Constituição brasileira de 1988.

Desde a redemocratização e a Constituição Cidadã, os povos indígenas, por exemplo, obtiveram conquistas importantes na condição de poderem ajuizar-se juridicamente contra o seu antigo tutor, o Estado (LADEIRA; NASCIMENTO, 2007).

Hoje, é respaldada aos indígenas a criação de organizações juridicamente definidas. Esse respaldo proporcionou o surgimento de mais de 150 organizações indígenas no Brasil. Nessa conjuntura, o dia 19 de abril deixa de ser apenas mais uma parada de *civismo nacional* e passa a ser o dia das grandes manifestações do movimento indígena (LADEIRA; NASCIMENTO, 2007, p. 100-101, grifo meu).

O advento dessas mudanças fundamentais na lei brasileira, fruto de séculos de luta e resistência, com o fenômeno da propagação da informação em larga escala que a Internet produziu nas últimas décadas colocou a luta pelo direito e pelo reconhecimento indígena e afrobrasileiro na dianteira do debate sobre os problemas urgentes que a nação precisa resolver.

O indígena, o negro, o quilombola, a Repúlica, a política nacional foram pouco a pouco se tornando assuntos comuns dos brasileiros nas escolas, na televisão, nas instituições políticas e, por consequência, também nas redes sociais, que produz e veicula imagens como as que veremos a seguir.

FIGURA 10 - Meme “Indígena com relógio”.



Fonte: <https://corrupcaomemes.tumblr.com/tagged/povos%C2%A0ind%C3%ADgenas>.
Acesso em: 29 set. 2021. Créditos da imagem: Magno Bruno.

A imagem foi retirada da página CBM – Corrupção Brasileira Memes IMPÉRIO Memeslativo²⁷. A página tem um vasto acervo de memes que promovem o até então presidente da República, Jair Bolsonaro. O site se identifica como “Site de humor” com tema de “política e corrupção”. As artes de fundo na página são montagens com o atual presidente e com o ex-presidente Michel Temer.

²⁷ Para consulta, acessar: <https://corrupcaomemes.tumblr.com/>.

O meme aqui escolhido para compor o trabalho é indexado nas seguintes *Tags*²⁸ de identificação: #indios, #amazonia, #floresta, #ecologia e #povos indígenas. Foram mantidas aqui as configurações originais da página CBM – Corrupção Brasileira Memes IMPÉRIO Memeslativo. As *tags* de identificação ajudam a direcionar o usuário de Internet para esse tipo de conteúdo, notadamente preconceituoso e tendencioso, a respeito dos povos indígenas, sua cultura e demandas sociais.

Na imagem o autor ignora a questão indígena como um conflito de séculos de violência e opressão, reduzindo as populações nativas a núcleos que sobrevivem em reservas quase sempre ameaçadas pela exploração mineral e o agronegócio. Ao destacar o suposto relógio importado do indígena que aparece na montagem, a imagem engana e contribui para o empobrecimento do diálogo entre os indígenas e não indígenas.

“Atualmente, o indígena não é mais visto a partir de seus traços físicos, mas a partir de sua cultura, mesmo que externamente já não seja e nem viva como seus antepassados” (PREZIA; GALANTE, 2019, p. 07). O indígena é um ser humano inserido num tempo e num espaço como o são todos os outros seres humanos.

A utilização de tecnologias e comodidades do mundo moderno contemporâneo não o torna menos índio, já que esta é uma identificação étnico-racial profundamente ligada a questões e sentimentos históricos, e, como já foi dito, num contexto de opressão extremamente violento (LADEIRA; NASCIMENTO, 2007).

A representação do indígena enquanto um ser exótico que deve viver na mata, andar nu e se enfeitar de penas está profundamente enraizada na cultura nacional. Não é de modo algum uma representação nova entre nós. Fruto de uma educação eurocêntrica na perspectiva branca e heteronormativa, essa representação tem há muitos anos contribuído para a perpetuação da violência, da xenofobia e do sentimento de estranhamento entre os povos indígenas e os demais brasileiros.

As imagens, muitas vezes, estereotipadas e preconceituosas dos povos que habitavam o continente americano antes da chegada dos europeus, presentes no imaginário das pessoas, estão relacionadas à forma como foram fabricadas nos tempos escolares (RIBEIRO, 2007, p. 47-48).

²⁸ “Tag” em inglês quer dizer etiqueta. As *tags* na Internet são palavras que servem justamente como uma etiqueta e ajudam na hora de organizar informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, de modo que facilitam a encontrar outras relacionadas.

Essa imagem se insere num *hall* de objetos, textos e imagens que contribuem para a manutenção do preconceito e da violência para com os povos nativos. O meme da Figura 10 ironiza de maneira preconceituosa a utilização de um relógio representado como um “objeto de brancos”, sinalizando que o indígena que reclama dos “brancos” e usa relógio é contraditório. Sob todas as facetas, o meme é profundamente racista e mal-intencionado.

FIGURA 11 - Meme “Indígena e seu latifúndio”.

Aqui de boa sem trabalhar,
tirando selfie com a filha e curtindo
meus 300 hectares de terras



Fonte: <https://corrupcaomemes.tumblr.com/tagged/povos%C2%A0ind%C3%ADgenas>.
Acesso em: 29 set. 2021.

A página CBM – Corrupção Brasileira Memes IMPÉRIO Memeslativo é produzida no *Tumblr*²⁹, que é uma plataforma digital para a edição de páginas e perfis que funcionam de maneira semelhante a um blog e uma rede social. Este mecanismo permite uma exploração com muito potencial do espaço da Internet para a reprodução de conteúdo digital e a troca de experiências on-line.

Na Figura 11, veem-se dois indígenas tirando uma selfie em um fundo verde. A frase que compõe a imagem, tornando-se, assim, um meme clássico, ironiza mais uma vez os hábitos

²⁹ Disponível em: <https://www.tumblr.com/>. Acesso em: 20 set. 2021.

da sociedade não indígena presentes dentro das aldeias, além de acentuar a suposta quantidade de terra pertencentes aos povos indígenas.

As *tags* que identificam e levam até a imagem são: #índios brasileiros, #povos indígenas, #brasil e #tupi guarani. O que o meme não conta numa primeira vista é que apenas 11,6% do território nacional são destinados à territórios indígenas³⁰, terra esta que é notadamente preservada, contribuindo para a amenização do efeito estufa e dos desastres ecológicos que são uma questão prioritária no nosso século XXI.

Mais uma vez, constata-se a representação de que o indígena deveria se comportar como um ser exótico, desprovido também dos comportamentos da sociedade e da juventude não indígena. Uma parte significativa da população tem grande dificuldade de entender o ser indígena como um ser étnico, cultural e histórico, inserido em um contexto sociocultural que muda e se transforma com o tempo. O que identifica um indígena é o sentimento de pertencimento a um grupo ou grupos que são centenários, e não são as “modernidades” que diminuirão essa relevância. O brasileiro não indígena não é menos brasileiro por não se comportar mais como seus antepassados se comportavam, se vestiam, falavam e acreditavam. O mesmo acontece com o indígena.

O professor interessado e compromissado com a função social da disciplina de História pode se utilizar dessas figuras para estimular um debate sobre as representações de uma boa parte da sociedade brasileira sobre os povos indígenas e sobre diversos outros conteúdos da História enquanto disciplina escolar. A permanência de um imaginário, um ideal de indígena e a aversão recorrente a esses povos são fruto de décadas, talvez séculos, de promoção de um ideal e de um estigma indígena promovido pela arte, pela cultura e pela educação escolar.

Nosso grande desafio é construir uma sociedade plural, formada por muitos povos e culturas que aqui vivem há milhares de anos. Não limitada apenas à sociedade dos europeus e seus descendentes, que aqui chegaram há quinhentos anos. Dessa forma, podemos criar laços de solidariedade e aproximação com aqueles que aqui viviam e que nos legaram um grande patrimônio, ainda tão pouco conhecido (PREZIA; GALANTE, 2019, p. 07).

Ao reproduzir práticas pedagógicas tradicionais, como, por exemplo, fantasiar os pequenos alunos com a representação que o não indígena tem sobre o indígena, apenas contribui para o atraso do desenvolvimento dos cidadãos em uma relação mais justa e digna para todos, sem exceção. Pelo contrário, o professor pode se utilizar dos memes de Internet, tanto dos

³⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br>. Acesso em: 20 set. 2021.

negativos como também dos positivos para estimular o pensamento crítico sobre a questão indígena, evidenciar e desconstruir preconceitos e estimular o estudante para a produção própria de memes com conteúdo histórico-social.

FIGURA 12 - Meme “Zumbi dos Palmares e catolicismo”.



Fonte: <https://www.facebook.com/257775604613971/posts/1065134117211445/>.
Acesso em: 01 ago. 2021.

Ao longo da pesquisa, percebi que a data comemorativa que suscita mais discussões na rede mundial de computadores no Brasil é o 20 de novembro, dia que marca a luta de negros e negras por liberdade e justiça. O Dia da Consciência Negra não foi escolhido ao acaso. Fruto das lutas do Movimento Negro Unificado, a data marca o dia em que Zumbi dos Palmares, líder do quilombo que leva seu sobrenome, foi assassinado pelas forças do exército português (1695). Zumbi é hoje um dos personagens mais lembrados pelos internautas em decorrência das comemorações do 20 de novembro. É também a personagem negra mais recorrente nos livros didáticos.

Uma parcela significativa dos usuários da Internet ataca o líder quilombola, taxando-o de tirano e cruel, a representar essa personagem histórica como “um líder violento” que “escravizava o próprio povo”. O espaço da Internet, por conta da sua natureza editável e

acessível, parece encorajar expressões racistas que se multiplicam e surgem dos mais variados núcleos políticos e ideológicos: católicos, evangélicos, monarquistas, conservadores e outros.

Na Figura 12, extraída da página Católico da Zueira Sacra³¹, na rede social *Facebook*, podemos observar um exemplo do ódio contra a figura de Zumbi. O meme traz uma montagem de imagens com personagens católicos negros que supostamente seriam bons exemplos da cristandade católica. No centro da imagem, Zumbi aparece com a seguinte legenda: “Você não”.

A representação de Zumbi dos Palmares como um líder autoritário e tirano não é por acaso. Ao atacar Zumbi, os contraditores atacam o 20 de novembro na sua mais pura expressão. O Dia da Consciência Negra é uma conquista dos movimentos sociais negros que partem da própria população, que, na maioria das vezes, é oprimida e perseguida pelo Estado, este majoritariamente branco e masculino.

Zumbi não foi escolhido por acaso. Ele é um símbolo importantíssimo da resistência à escravidão ou escravização, e sabemos que existem e existiram diversas formas de resistência. A construção de uma representação negativa em torno da figura do líder do Quilombo dos Palmares é uma estratégia consciente de vários grupos que se opõe a essa data comemorativa. Vejamos mais uma figura:

FIGURA 13 - Meme “Zumbi dos Palmares”.



Fonte: <https://twitter.com/fernandoholiday/status/1064863026766073856>.

Acesso em: 01 ago. 2021.

³¹ Para consulta, acessar: <https://www.facebook.com/Cat%C3%B3lico-da-Zueira-Sacra-257775604613971/>.

O meme acima é proveniente do *Twitter* do vereador da cidade de São Paulo pelo partido NOVO, Fernando Holiday³². O vereador é um conhecido defensor de políticas conservadoras e se apresenta em suas redes sociais como “católico, estudante de História (Mackenzie) e vereador do @partidonovo30 em São Paulo”. Ele já se manifestou em diversas entrevistas como um homem negro de direita, contrário às cotas raciais, aos programas sociais destinados à população negra, bem como à data institucionalizada em nosso calendário nacional do Dia da Consciência Negra.

A imagem traz mais uma vez a figura de Zumbi de Palmares sobre um fundo amarelo e preto com os seguintes dizeres: “passei só pra dizer que eu tinha vários escravos negros”. Os questionamentos acerca da utilização da mão de obra do tipo escrava pelo líder quilombola são recorrentes todos os anos em repercussão ao 20 de novembro.

Esse tipo de imagem, se não for trabalhada de maneira crítica pelo professor de História, certamente contribuirá para a desinformação, confundindo o estudante. A representação de Zumbi como um líder autoritário e escravocrata precisa ser desconstruída dentro da própria lógica social do século XVII.

O professor pode citar, por exemplo, a escravidão negra praticada pelo europeu como um fenômeno racista, diferente das várias modalidades de escravidão que já foram praticadas nos mais diversos locais do planeta.

A partir da pesquisa bibliográfica que realizei para essa dissertação, é possível indicar que um dos prováveis motivos para essa representação de Zumbi dos Palmares seja o livro *Guia Politicamente Incorreto da História*, escrito por Leandro Narloch (2009). Nesta obra, o líder negro aparece como alguém que mantinha a escravidão no Quilombo dos Palmares. Segundo o autor, era pouco provável que Zumbi, um indivíduo que vivia em meio a uma sociedade escravocrata, defendesse os valores de liberdade e igualdade que conhecemos hoje.

Segundo Renato Araújo (2015), que produziu a apostila intitulada *Zumbi dos Palmares* para uma exposição do SESC-Vila Mariana, havia um “Estado” dentro do quilombo, que era baseado em um tipo de “Estado africano”. Nessa organização política quilombola, o chefe era chamado de rei e era eleito pelos moradores de Palmares. O poder dessa liderança poderia ser contestado, e até ser afastado por uma assembleia geral dos quilombolas. Mas, isso não significa que Palmares era uma democracia: o local ainda tinha muitas das características sociais do século XVII. Eis a fala do autor:

³² Disponível em: <https://twitter.com/FernandoHoliday>. Acesso em: 20 set. 2021.

Este “Estado” era baseado na pequena propriedade e na policultura. O seu sistema político era um tipo de “Estado africano” com prática de chefia elegível, súditos com alguma autonomia e escravos. O chefe (chamado rei, apenas por força de expressão) era eleito, contestado e até podia chegar a ser afastado por uma assembleia geral dos quilombolas. Mas não podemos supor que Palmares se tratasse de uma democracia no sentido estrito. Certamente aqueles ex-escravos jamais foram tão livres quanto eram ali. A questão da escravidão existente em Palmares faz-nos lembrar de duas coisas importantes: 1) o fato de que não se tratava de uma democracia e, em segundo lugar 2) Palmares resguardava muitas das características sociais de sua época. Mas é provável que o regime escravista existente em Palmares se assemelhasse ao modelo escravista já existente na África, onde cativos de guerra eram forçados a trabalhar a terra por um tempo, prestando serviços por um tempo, como uma forma de punição ao cativo que executava aquelas atividades durante um tempo específico e gozava de alguns “direitos” não garantidos pela escravidão atlântica perpetrada pelos Europeus (ARAÚJO, 2015, p. 02).

Não existe, porém, um conceito específico para identificar o sistema político-social de Palmares. A política da terra pode ser vista como uma "socialização", em que não havia propriedade, posse, dinheiro ou classes sociais. O que se sabe sobre a vida adulta de Zumbi é que ele era o homem de confiança do chefe do povoado, Ganga Zumba, e trabalhava como líder do exército de Palmares. No final do século XVII, já liderava sozinho o quilombo.

As representações a respeito do 19 de abril e do 20 de novembro revelam velhas práticas e preconceitos presentes na sociedade brasileira há muitas décadas. Essas representações estão, certamente, fundamentadas nos vários anos de educação pautada em livros didáticos que relegaram ao negro e ao indígena um papel secundário na História.

Corrobora o posicionamento de Renilson Rosa Ribeiro (2007), quando aponta que:

Aos negros, nas páginas brancas dos livros didáticos, continua cabendo ainda a função de personagem secundário, marginalizado, assistindo à atuação dos grandes sujeitos históricos em cena, na sua maioria brancos ou coadjuvantes dos brancos. Ainda são descritos como submissos, inferiores, exóticos – sujeitos distantes do que se convenciona chamar de sujeito universal: europeu, branco, masculino e cristão (RIBEIRO, 2007, p. 46).

Durante muitos anos, os livros didáticos foram basicamente o único referencial para gerações de brasileiros que passaram pelo sistema público de ensino. Hoje, com o advento da Internet, observamos ainda os reflexos dessas representações. Com os povos originários não aconteceu diferente. Ainda em 2007, antes da popularização dos memes de Internet, Ribeiro (2007) já apontava para o caráter atribuído ao indígena na nossa sociedade. Daquela época até hoje, pouco mudou:

A ideia do índio como selvagem, preguiçoso, que vive da caça e da pesca, místico e guerreiro tem povoado o universo linguístico das crianças e jovens ao longo da vida escolar. Tais representações, em diferentes contextos históricos de ensino-aprendizagem, têm-se feito presentes na literatura infanto-juvenil, nos textos didáticos, na iconografia, nas músicas, nos filmes, na fala docente e nos discursos celebrativos do 19 de abril – Dia do Índio (RIBEIRO, 2007, p. 48).

Como professores de história, estamos certos da importância e dever fundamental que o profissional deve cumprir perante a desconstrução dos estereótipos racistas que povoam o universo dos estudantes. “A singularidade dos momentos vivenciados pelo professor no exercício de sua profissão expressa a complexidade da própria cultura e dos problemas e conflitos que afigem os educandos” (CEREZER, 2007, p. 23).

Várias são as interpretações acerca dos movimentos que no ano de 1889 levaram ao fim do Império brasileiro e início da República. Na Internet, a data que lembra e comemora a Proclamação da República é sempre lembrada por diversos grupos que se posicionam como monarquistas. São alguns dos memes produzidos e compartilhados por esses monarquistas que vamos analisar a seguir.

FIGURA 14 - Meme “Só mais um...”.



 avememes.tumblr.com

Fonte: <https://avememes.tumblr.com/>.
Acesso em: 20 set. 2021.

O meme acima foi retirado da página Memenarquia Brasil³³. Esse endereço se encontra registrado também no Tumblr. A página é dedicada a conteúdo pró-Monarquia no Brasil e as *tags* de identificação da imagem foram #monarquiaja, #imperioja, #memes, #aveimperio, #monarquia, #brazil, #brasil e #button.

Na montagem da Figura 14, o meme remete a comidas, objetos ou mídias que despertam no sujeito o desejo de receber um pouco mais, conforme observa-se a descrição na frase “só mais um”. A intenção na representação presente na imagem é deslegitimar a República, ironizando a troca de presidentes, característica comum em se tratando de um sistema político republicano e democrático.

Como foi dito, diversas são as páginas que produzem e compartilham conteúdos monarquistas, e os ataques à República são o principal foco dessas páginas. Deslegitimar, descredibilizar, produzir revisionismos históricos atrelados a concepções monarquista dos fatos, atacar as instituições democráticas são algumas das estratégias facilmente identificadas nesses grupos on-line.

O fato de tais grupos existirem e serem, de certa forma, bastante comuns é um terreno rico para o professor de História iniciar uma aula sobre o período da Proclamação da República e seu desenrolar histórico. Seria interessante que o professor demonstrasse aos alunos que as visões políticas sobre determinado acontecimento podem ser as mais variadas possíveis, e que os grupos envolvidos no acontecer histórico buscam, cada um à sua maneira, contar e recontar a história, produzindo assim representações próprias sobre acontecimentos que, na maioria das vezes, já ocorreram há muitos anos e ainda assim permanecem vivos na sociedade contemporânea.

O discurso nunca é ingênuo, inocente ou desprovido de significado e intencionalidade. Pelo contrário, toda representação diz mais sobre quem a produziu e/ou compartilhou do que propriamente a representação em si demonstra.

Analizar o período da Proclamação da República pela perspectiva das imagens, memes monarquistas provenientes da rede mundial de computadores, é uma estratégia de exemplificar ao estudante as várias faces que um mesmo acontecimento pode ter ao longo dos anos, passando, assim, uma noção de história viva que é fundamental para o desenvolvimento crítico e intelectual do aluno.

Vejamos a próxima imagem:

³³ <https://avememes.tumblr.com/>

FIGURA 15 - Meme “Ursinho Pooh da República”.



Fonte: <https://avememes.tumblr.com/>.
Acesso em: 20 set. 2021.

A Figura 15 é uma montagem com o famoso personagem de desenho animado Ursinho *Pooh* sobre o evento histórico Proclamação da República. Foi retirada da mesma página que o meme anterior, Memenarquia Brasil. A imagem acompanha a seguinte legenda: “Dois tipos de pessoas”. Considero esse meme um bom exemplo para ser utilizado em sala de aula, pois apresenta uma oportunidade interessante para discutir saberes históricos sobre o 15 de novembro. Data histórica presente em livros didáticos, geralmente dissociada da análise de conceitos históricos, dificultando o processo de ensino e aprendizagem sobre o referido evento.

Dominar conceitos históricos básicos é fundamental para o desenvolvimento do aluno. Sem conhecer esses conceitos, não é possível entender a disciplina nem se interessar por ela. Com a imagem acima, o professor de História pode discutir os conceitos de Golpe e Revolução. Comuns na maioria dos conteúdos, esses dois conceitos costumam confundir sobremaneira alunos e professores.

Mais uma vez, a imagem contribui também para a problematização do discurso e a quem ele serve, já que se trata de uma imagem produzida e compartilhada por grupos assumidamente monarquistas. Dessa forma, o uso de memes com o tema da Proclamação da República se apresenta como uma forma profícua de se alcançar bons resultados e induzir o aluno a uma formação própria da representação sobre fatos do passado. Não podemos negar que é facilmente

possível a defesa da Proclamação da República como uma revolução, mas também a leitura do mesmo evento como um golpe.

Os memes aqui apresentados reforçam o ponto de vista defendido nesta dissertação segundo o qual a Internet se encontra povoada por memes de conteúdo histórico que, no entanto, reproduzem representações preconceituosas, racistas e que incitam ao ódio, principalmente contra as populações historicamente perseguidas e marginalizadas.

Acredito ter sido demonstrado o imenso potencial de uso dessas imagens na disciplina de História, no nosso âmbito, para se ensinar História na educação de nível fundamental e médio. Contudo, sabemos que essas figuras têm um potencial expansivo para o uso acadêmico e, consequentemente, o uso enquanto fontes históricas.

Os memes de Internet são fontes históricas. Eles representam o testemunho da visão política, social e cultural daqueles envolvidos na sua produção e compartilhamento. Sabemos que nossos estudantes estão, durante boa parte do dia, expostos a esses objetos virtuais que distraem, divertem, mas também contribuem para a construção de representações acerca dos acontecimentos históricos.

3 O PRODUTO PEDAGÓGICO - BLOGHISTÓRIA

A análise da bibliografia a respeito dos memes de Internet, bem como o aprofundamento dos estudos no campo do ensino de História proporcionado pelas leituras e discussões nas disciplinas do Mestrado Profissional em Ensino de História da UNEMAT-MT, fizeram com que eu voltasse a atenção para a realidade da E.E. Jayme Veríssimo de Campos Júnior, localizada na cidade de Alta Floresta, no Norte do estado de Mato Grosso, uma das 39 unidades de escola plena do estado.

Em busca de melhor entender meus alunos e proporcionar aulas mais conectadas com as suas demandas, desenvolvi um *blog* na Internet com a finalidade de funcionar de duas maneiras: primeiro, como um arquivo para memes com conteúdo histórico, que devem ser “garimpados” pelos estudantes na rede e produzidos por eles próprios. Segundo, como uma extensão da sala de aula, uma sala de aula virtual onde a aula de História nunca termina e pode ser continuamente editada, alimentada e revisitada a qualquer hora do dia ou da noite.

No início da pesquisa, minha preocupação e intenção era analisar o fenômeno da criação e disseminação de memes de Internet com conteúdo preconceituoso, reacionário e conservador, num esforço de tentar entender um pouco as dinâmicas de convivência na Internet entre seus usuários, nossos alunos, e estabelecer um espaço de análise e uma crítica às representações presentes nessas imagens. A História não é uma invenção recente. O que é novo são as ferramentas pelas quais as pessoas hoje revisam, produzem, disseminam e interagem com a História e as suas representações.

No esforço de produzir um produto pedagógico digital que pudesse ser utilizado e editado pelos próprios estudantes, estimulando, dessa forma, o protagonismo estudantil é que se desenvolveu e amadureceu a ideia de um *blog*.

Para entender os estudantes do nível básico de ensino na atualidade, não levo em conta apenas a minha prática docente e realidade escolar. Diversos textos auxiliaram a produção deste trabalho e o desenvolvimento da pesquisa com os memes. Textos produzidos por ótimos e jovens professores que se encontram na vanguarda da Educação Básica nacional em tempos de desafios extremos e muitas ameaças à liberdade, e, sobretudo, ao conhecimento científico.

Um dos trabalhos aos quais tivemos acesso durante o levantamento bibliográfico para a pesquisa foi a dissertação de mestrado, também do ProfHistória, da professora Alessandra Michelle Alvares Andrade (2018), *Memes históricos: uma ferramenta didática nas aulas de História*. Considero que a realidade escolar brasileira é extremamente plural e diversificada. Os

desafios relacionados à prática docente e ao ensino como um todo são certamente diferentes entre as regiões do Brasil.

No entanto, no decorrer da leitura e da pesquisa para a produção desta dissertação, observaram-se dificuldades em comum que professores e alunos enfrentam em todos os rincões do país. Entre essas dificuldades, estão a falta de qualificação e formação continuada dos educadores, a pouca adesão dos pais no processo educativo oferecido pela instituição escolar, os desafios de convivência entre gestores, políticos e profissionais de sala de aula, o desinteresse dos estudantes pela educação escolar no geral, o distanciamento das novas gerações para com os instrumentos analógicos de ensino como o livro didático e as apostilas, a veloz transformação de comportamento da sociedade produzido pelas novas tecnologias digitais. Para não citar a velha dificuldade de verba para a realização de projetos e obras nas escolas.

[...] “Após leituras, debates e discussões oportunizadas no decorrer das disciplinas cursadas no ProfHistória, percebi que antes de pensar em problemas como o livro didático, celular ou notas, seria necessário buscar compreender os anseios dos meus alunos, seus hábitos, o comportamento deles, dentro e fora da escola, e a relação que eles estabeleciam entre os conteúdos históricos e suas vidas. Para tanto, fazia-se necessário uma compreensão do ambiente educacional no qual eles estavam inseridos, quais as potencialidades, recursos, espaços e materiais poderiam estar disponíveis para o desenvolvimento das aulas de História” (ANDRADE, 2018, p. 91).

Dessa maneira, o estudo da bibliografia referente ao campo Ensino de História, Ensino de História e Tecnologias Digitais, e principalmente Ensino de História e Memes de Internet, contribuíram para ampliar a minha visão como professor-pesquisador, estimulando-me na busca por ferramentas e ações que possam proporcionar a melhoria do ensino de História no “chão da escola”.

Observamos na nossa unidade de ensino desafios semelhantes aos relatados pela professora Alessandra Michelle Alvares Andrade em sua pesquisa: “baixo índice de aproveitamento, grande dispersão dos alunos durante as aulas, excessivo uso de celulares, descontentamento aparente no decorrer das aulas, falta de motivação, entre outros” (ANDRADE, 2018, p. 82).

A construção do BlogHistória que foi fruto desse trabalho dissertativo e que futuramente deverá ser gerenciado pelos alunos com a coordenação do professor de História e de outros professores da unidade escolar objetivou superar esses obstáculos, trabalhar esses desafios na

busca da melhora significativa dos índices escolares e do desempenho diário dos estudantes no ambiente da escola.

A pesquisa desenvolvida pela professora Alessandra Andrade (2018) foi decisiva para a escolha desse produto pedagógico, que certamente será muito mais do que apenas uma condição para a finalização da pós-graduação em Ensino de História. Em verdade, com o *blog* será possível estabelecer uma relação contínua com os estudantes, numa experiência única de trocas e produção de conhecimento. Entendo, assim, como fundamental a participação no Mestrado Profissional em Ensino de História, o ProfHistória da UNEMAT-MT/Câmpus de Cáceres.

FIGURA 16 – Meme “O que tá escrito aqui?”.

Professor - o que ta escrito aqui?

"Eu também sem entender minha letra"



Fonte: Blog Tediado. https://br.pinterest.com/tediado/_created/. Acesso em 21/04/2021.

Os *blogs* não são hoje em dia o formato mais popular de rede social presente na Internet. A popularização dos *smartphones* e a subsequente criação de milhares de aplicativos levaram os usuários da Internet a se aglutinarem em torno daqueles que fazem maior sucesso e agregam um maior número de seguidores.

Nesse sentido o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter*, por exemplo, são redes sociais massivamente acessadas e popularizadas. Por que, então, a escolha pelo formato de *blog*?

Blog é uma palavra que deriva do termo ou expressão weblog. Este funciona como um tipo de diário digital online exposto em páginas da Internet, onde podem ser publicados vários conteúdos como textos, vídeos, músicas, imagens, links sobre assuntos variados. As atualizações de conteúdos nesses sites são mostradas na ordem inversa, ou seja, a publicação mais recente aparece primeiro lugar. Os weblogs, popularmente conhecidos como blogs surgiram no final dos anos de 1990 e por sua facilidade de produção e pouco conhecimento em linguagem html, obtiveram boa aceitação dos usuários de Internet, espalhando-se rapidamente pela rede. Suas atualizações datadas apresentam informações de quem as escreve, classificando-os como diários pessoais eletrônicos (ANDRADE, 2018, p. 103 – 104).

O formato de *blog*, também chamado de *weblog*, permite a interação e edição de conteúdo que outras plataformas não permitem. Diferente de uma rede social para fotos como o *Instagram*, ou de uma rede social para textos curtos como o *Twitter*, os blogs funcionam como diários on-line, nos quais o administrador ou administradores registram, criam pastas, textos ilimitados, subpastas, tópicos e outros tantos recursos que fazem dessa plataforma o local ideal para se desenvolver um trabalho que tem por intenção ser perene, ou seja, durar mais do que o conteúdo que comumente é publicado na Internet e que costuma ter um “tempo de vida” muito curto.

Para um trabalho no campo da Educação com a finalidade de alcançar o protagonismo estudantil dos nossos estudantes, o *blog* me pareceu o formato mais apropriado, já que, como sustenta a historiadora Alessandra Andrade (2018, p. 104):

As ferramentas disponíveis nesses espaços virtuais apresentam recursos que facilitam o processo de ensino-aprendizagem e a comunicação entre professor e aluno. Dentre as potencialidades do uso dessa ferramenta, podemos citar: o compartilhamento de informações com os alunos; possibilidade de ampliar o material de pesquisa com links, filmes e textos complementares; documentos; estimular a participação através da expressão de pensamentos e ideias; possibilidades de uso de diferentes linguagens; postagem de memes e demais elementos que favorecem uma maior interação do aluno no ambiente virtual [...].

Além disso, os *blogs* se apresentam como locais de discussão de temas específicos. É possível encontrar na Internet variados tipos de *blogs*, com conteúdo e discussões próprios, aglutinando, assim, internautas que buscam na rede grupos de debates e conhecimentos sobre determinado assunto, ou seja, os *blogs* me parecem menos genéricos que outras ferramentas online. Como afirma Maria Franco (2005, p. 03):

Hoje, há uma diversidade de temas discutidos em blogs. Do objetivo inicial, apresentar links para sites emergentes, até os denominados diários pessoais, os blogs se diferenciaram e se tornaram instrumentos de divulgação de diferentes temas e assuntos, principalmente jornalísticos. Há, ainda, sites e blogs especializados em divulgar weblogs por assuntos, onde o internauta pode pesquisar e ler aquele que mais convém aos seus interesses, como no blog Blogopédia (2004), ou no site BlogList (2004), exclusivo para blogs brasileiros, que oferece a busca por categorias como: pessoais e estilo de vida, natureza e meio ambiente, cinema e televisão, história em quadrinhos, esportes, política e sociedade e educação e cultura. Nesta última categoria foi encontrado o registro de 400 blogs cadastrados. Considerando que os cadastros de novos blogs no BlogList foram suspensos em julho de 2004, conforme informações do site, pode-se supor que o total de blog relacionados à educação estejam bastante ampliados.

Na elaboração do produto pedagógico, optei por metodologias e recursos tecnológicos que atendessem, a meu ver, um dos principais objetivos do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História³⁴ oferecido pela UNEMAT-MT, que é o de promover um ensino de História mais atrativo, dinâmico, atualizado com as novas demandas da sociedade, oportunizando o desenvolvimento de uma formação cidadã através da democratização dos recursos tecnológicos, de modo a contribuir para o desenvolvimento do senso crítico do aluno através da produção e análise de memes de Internet.

Nessa perspectiva, o BlogHistória se torna um espaço, como foi dito, de extensão da própria sala de aula, onde o processo de interação, participação, dinamismo e troca de conhecimentos pode ser construído pelos alunos com a orientação do professor, aprofundando o aproveitamento nessa disciplina.

3.1 O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Iniciei a pesquisa para encontrar a melhor plataforma de produção de blogs que se adequasse à seguinte proposta: um espaço de simples acesso, fácil entendimento e que pudesse ser produzido sem um conhecimento profundo de informática. Diversos sites oferecem a produção de blogs pelos usuários da Internet. A maioria deles são privados, e, portanto, demandam um custo financeiro. Dentre os sites gratuitos e de mais fácil processo de construção, encontrei o *Wordpress*³⁵ e o *Blogger*³⁶.

³⁴ Disponível em: <https://profhistoria.ufrj.br/>. Acesso em: 20 set. 2021.

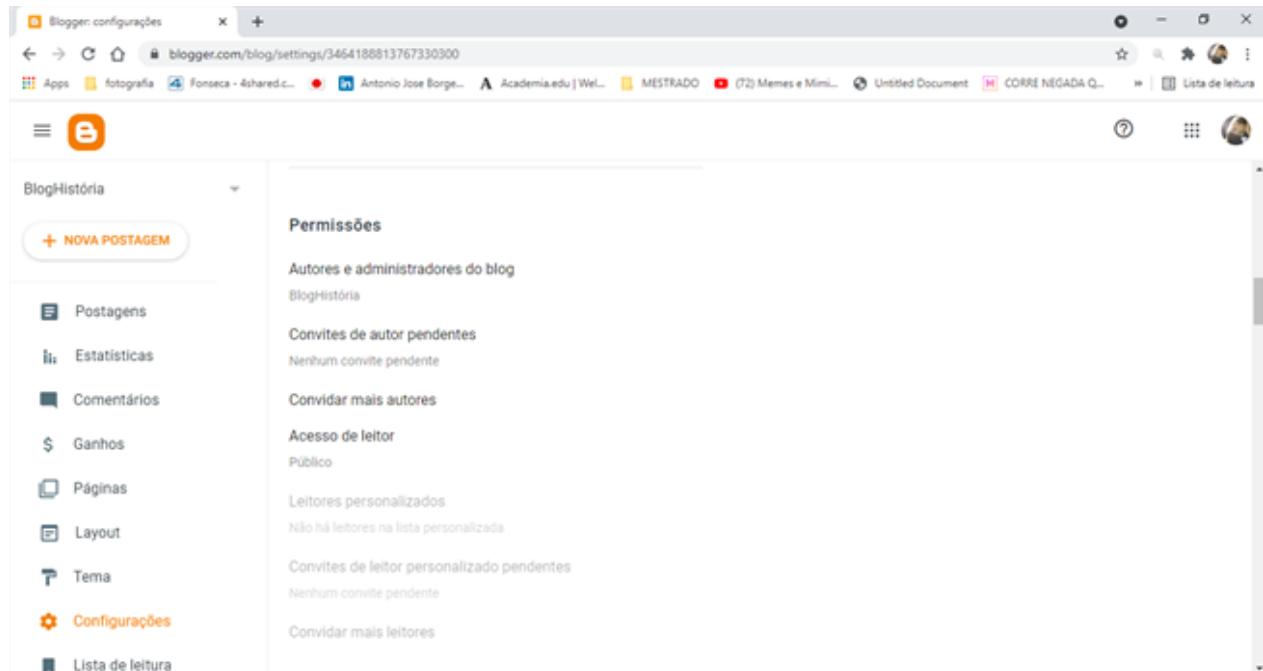
³⁵ Disponível em: <https://br.wordpress.org/>. Acesso em: 20 set. 2021.

³⁶ Disponível em: <https://www.blogger.com/about/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 set. 2021.

Depois de algumas visitas aos sites e de leituras no campo da Historiografia com memes que ajudaram a compor este trabalho, optei pelo *Blogger* por ser essa uma plataforma gratuita, de fácil acesso para edição e por já ser utilizada por outros profissionais de História para finalidade semelhante.

Após a escolha da plataforma, deu-se início à construção do *blog*. A plataforma escolhida se mostrou de muito fácil acesso e descomplicada para o trabalho, sem necessitar de um conhecimento avançado em informática, o que para mim foi muito útil. A plataforma *Blogger* permite que um ou mais usuários administrem a página criada (cf. imagem abaixo). Sendo assim, objetiva-se permitir o acesso de alunos e professores moderadores, denominação atribuída aos administradores de páginas na Internet.

FIGURA 17 – Print da página inicial do BlogHistória.

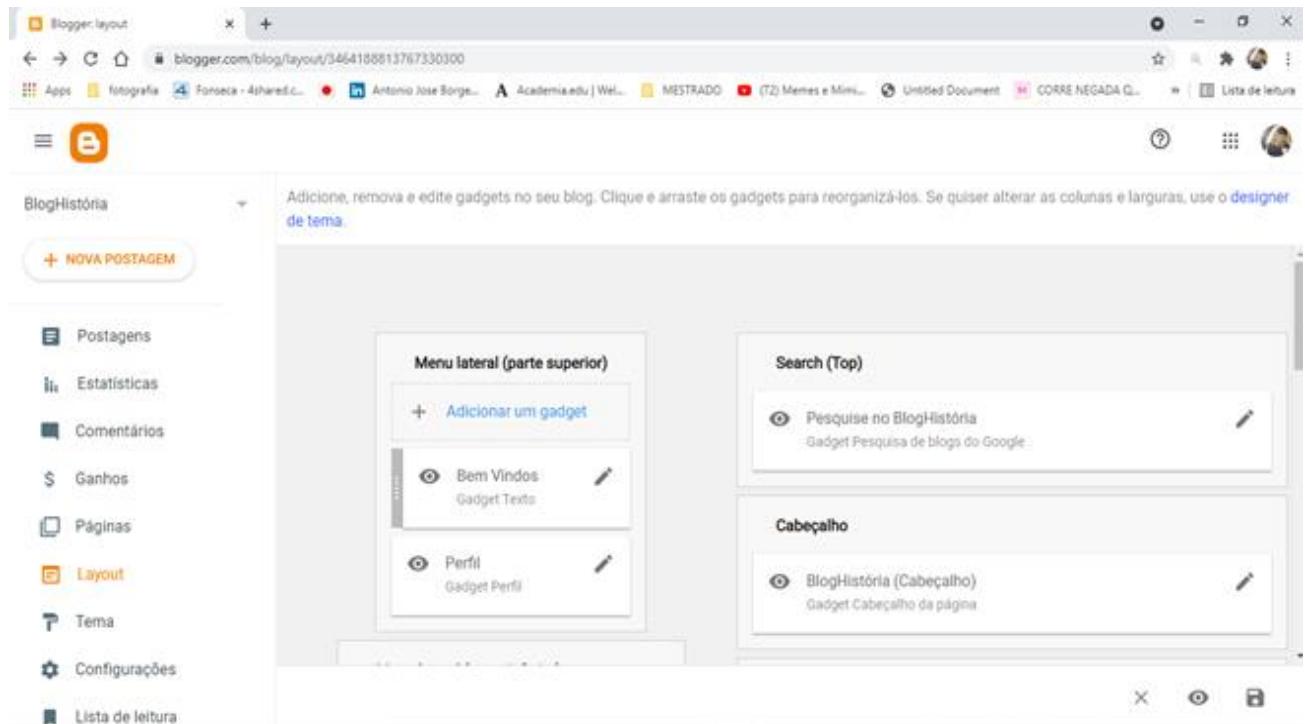


Fonte: acervo do autor.

O processo de produção do *blog* intitulado BlogHistória se deu primeiramente por meio da escolha do tema da página. O *Blogger* oferece diversos tipos de temas pré-fabricados com a opção de personalizá-los a gosto do usuário. Num primeiro momento, escolhi um tema padrão. Esse e outros aspectos de apresentação do blog devem ser alterados posteriormente com a participação dos estudantes.

Em um segundo momento, foram feitos o nome do *blog*, sua descrição inicial e os *gadgets*³⁷ para o menu inicial, como apresentado na figura a seguir, que mostra o menu de edição da página.

FIGURA 18 – *Print* dos menus de edição do BlogHistória.



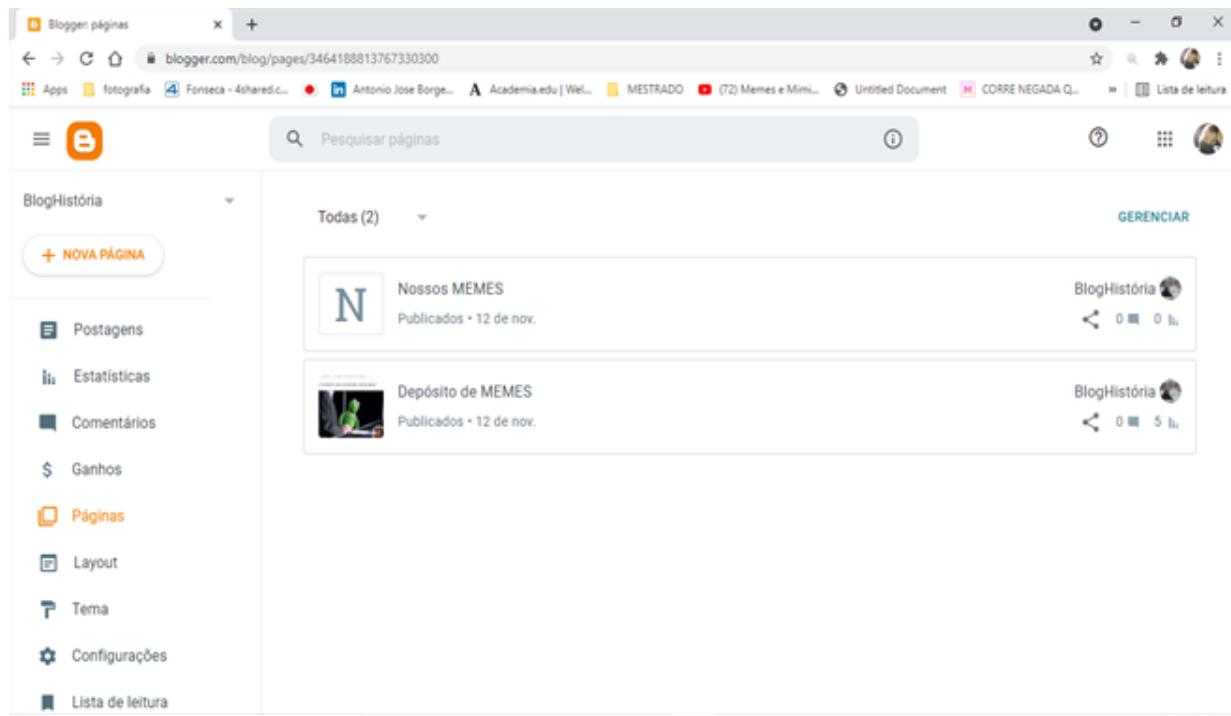
Fonte: acervo do autor.

Como é possível observar, os menus de edição do *blog* são simples. Com pouco tempo, é possível se acostumar com a ferramenta, que apresenta em todas as etapas a possibilidade de visualização das edições que vão sendo aplicadas ou retiradas.

O próximo passo foi adicionar páginas ao BlogHistória. Essas páginas funcionam como tópicos de acesso para separar o conteúdo dentro do *blog*. As primeiras páginas criadas e que também devem contar com a colaboração permanente dos alunos foram: “Depósito de MEMES”, para o armazenamento de imagens “garimpadas” na Internet, e “Nossos MEMES”, página destinada à publicação de memes criados pelos alunos da E.E. Jayme Veríssimo de Campos Junior.

³⁷ Pequeno utilitário desenvolvido para facilitar o acesso a funcionalidades disponibilizadas por determinadas aplicações mais abrangentes. Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/gadgets>.

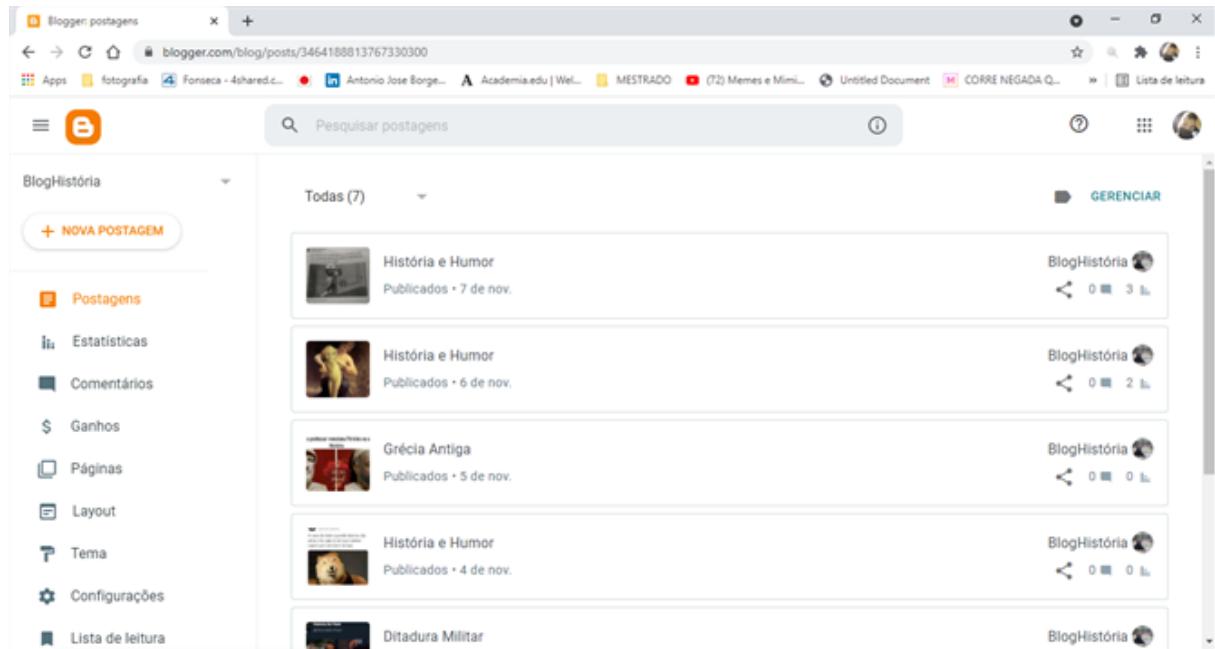
FIGURA 19 – Visual geral do blog.



Fonte: acervo do autor.

Conforme o visual do *blog* foi tomando forma, comecei a me dedicar às primeiras postagens, primeiramente em caráter temporário, para aprender a manusear essa nova ferramenta; depois, em definitivo, com as postagens já devidamente editadas. Mais uma vez, é importante ressaltar que o sistema para postagens é simples. O estudante acostumado ou não com o uso de *smartphones* pode facilmente dominar a ferramenta. A figura a seguir mostra as primeiras postagens do nosso BlogHistória.

FIGURA 20 – Visão geral das postagens do BlogHistózia.



Fonte: acervo do autor.

Para a postagem de imagens, textos ou vídeos no *blog*, o usuário precisa acessar a opção “Postagens” no menu de Edição, criar uma nova postagem e editá-la numa plataforma semelhante ao *Microsoft Word*³⁸, utilizado para a criação de textos. Por trazer símbolos e configurações semelhantes a programas conhecidos pela maioria dos usuários de Internet, esse processo se torna mais fácil.

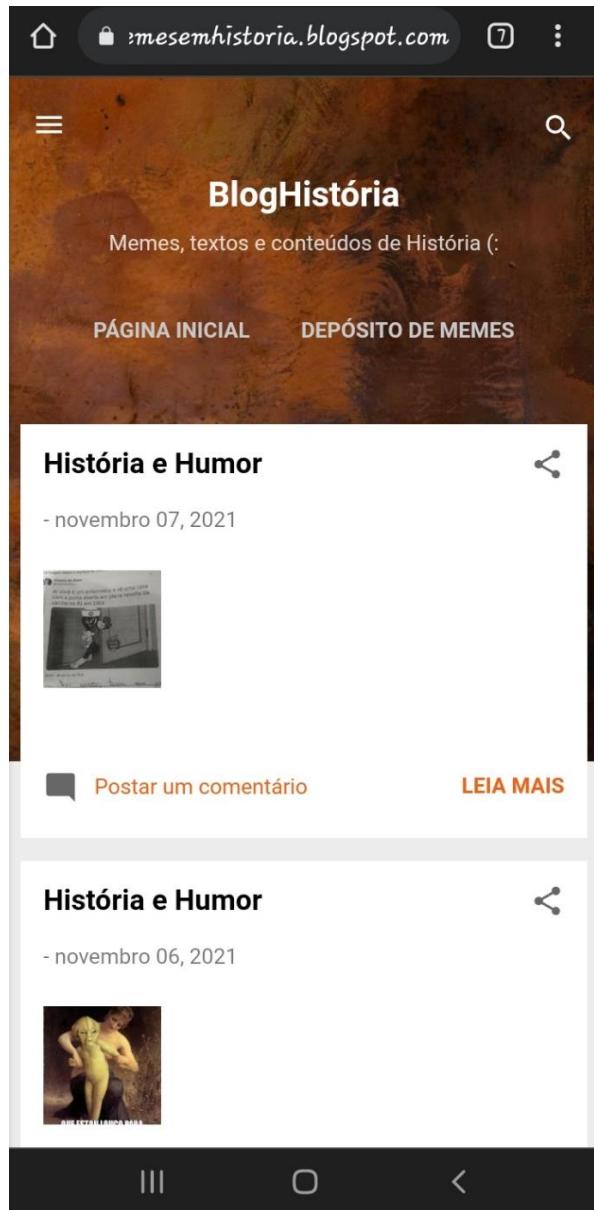
O *Blogger* traz ainda diversas opções de configuração, de visualização e acesso a gráficos, estatísticas, ganhos com monetização, comentários em visualizações e outros. Aqueles que acessarem o BlogHistória poderam deixar sua contribuição com as postagens e também entrar em contato com os administradores da página, com o intuito favorecer de cada vez mais o melhoramento do projeto.

A criação do produto pedagógico foi aos poucos se tornando uma experiência única no processo de produção desta dissertação. O contato com o blog contribuiu para minha formação docente em relação às ferramentas presentes na Internet, além da ajuda em estabelecer uma relação entre o conhecimento digital, a disciplina de História e o universo digital, que certamente contribui para o engajamento dos estudantes nos conteúdos relacionados aos saberes históricos.

³⁸ O Microsoft Word é um programa destinado à criação de documentos, vulgarmente conhecido como processador de texto. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$word](https://www.infopedia.pt/$word). Acesso em: 10 de novembro de 2021.

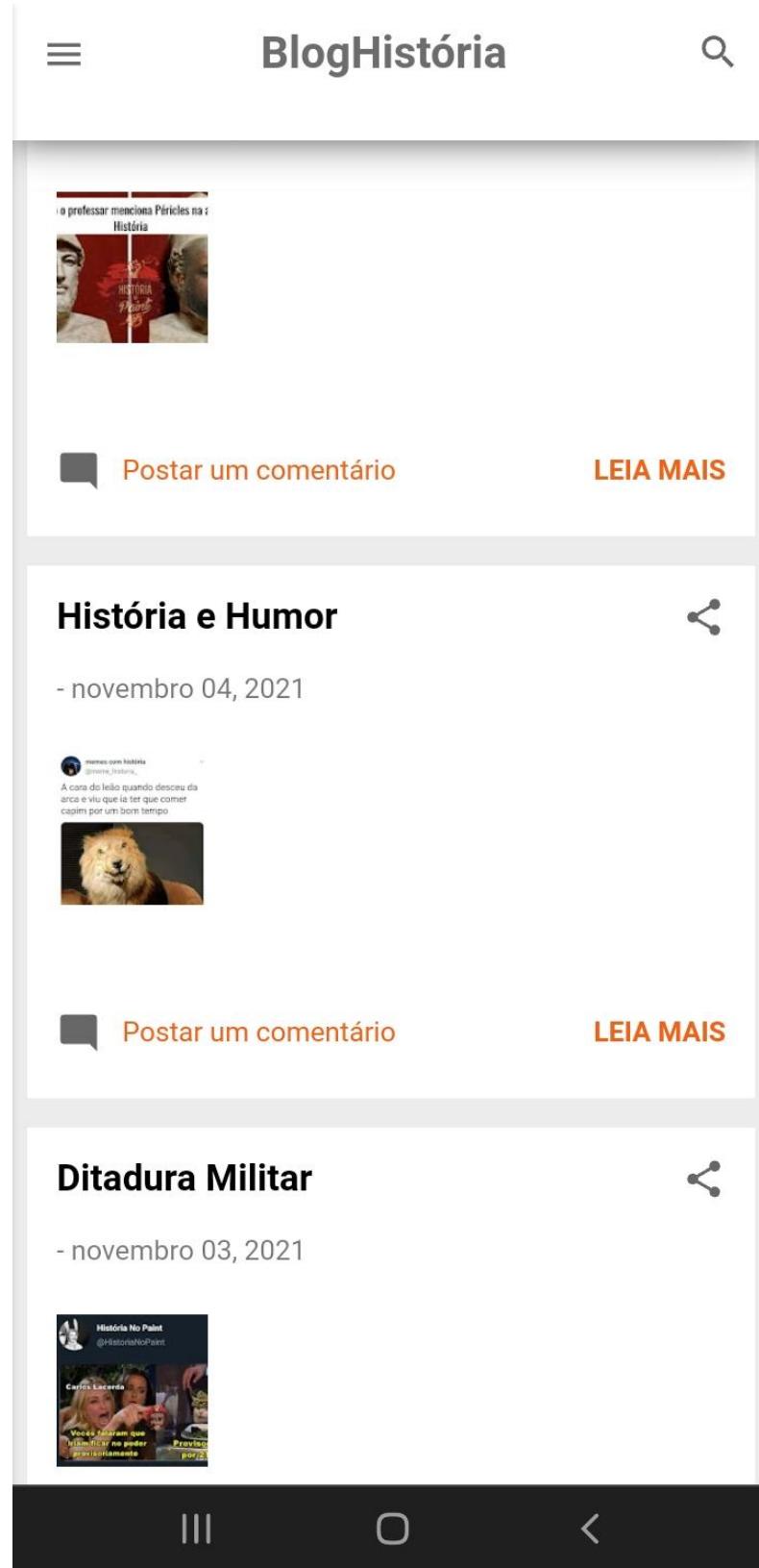
As imagens a seguir mostram como ficou a página inicial do BlogHistória depois de finalizado. Lembro ao leitor que esse blog ainda não passou pela edição e alimentação de conteúdo por parte dos alunos da E.E. Jayme Veríssimo de Campos Junior, e por este motivo deve sofrer alterações pontuais conforme for sendo visitado. As imagens foram feitas a partir de um aparelho celular, com a intenção de se demonstrar a versatilidade do blog e como ele pode ser acessado por qualquer aparelho digital.

FIGURA 21 – Post “História e Humor”.



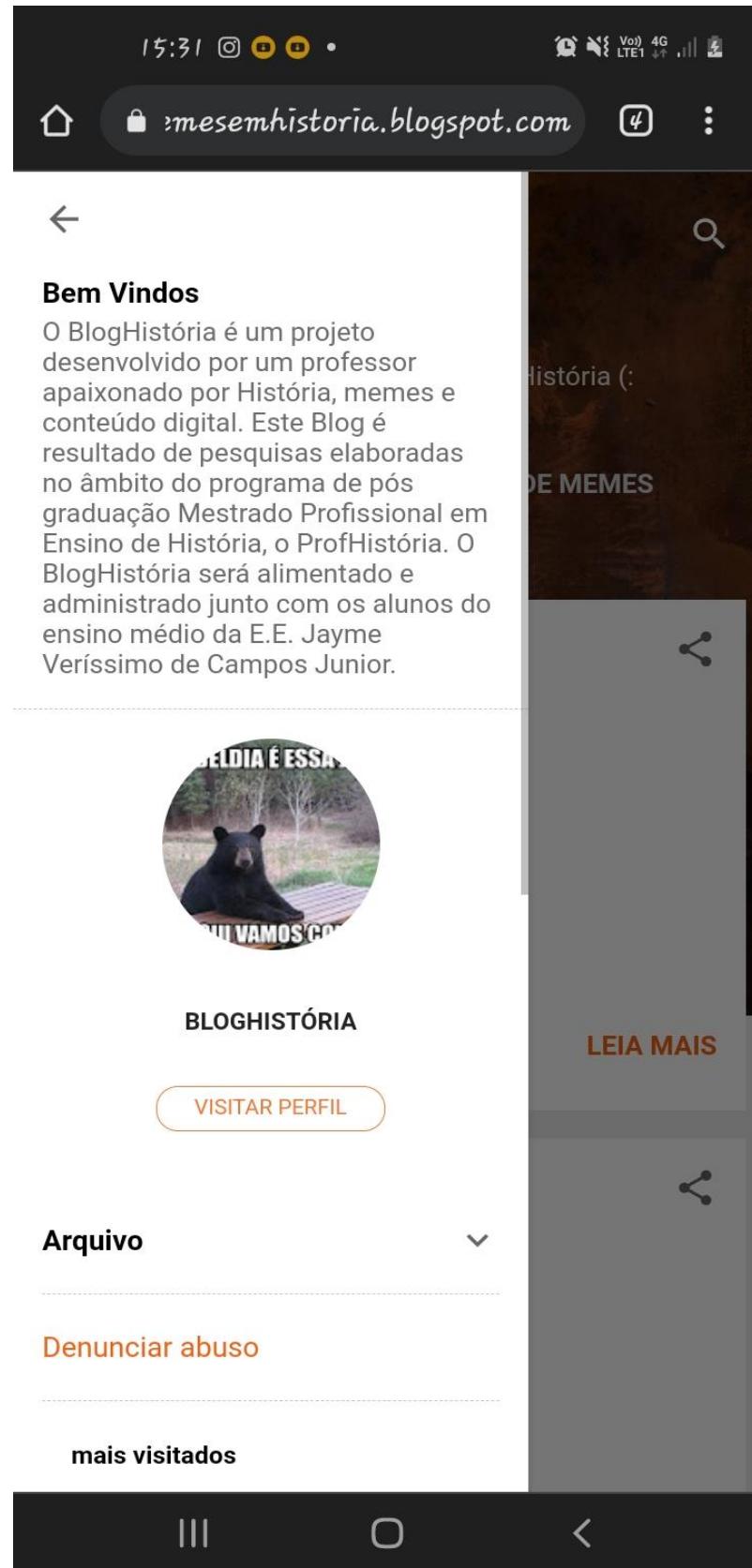
Fonte: acervo do autor.

FIGURA 22 – Posts “História e Humor” e “Ditadura Militar”.



Fonte: acervo do autor.

FIGURA 23 – Boas-vindas do blog.



Fonte: acervo do autor.

3.2 AO COLEGA PROFESSOR

O crescimento exponencial do uso da Internet observado no Brasil nos últimos anos estimula o uso dessa ferramenta na educação escolar. Seja por meio de memes, canais no Youtube³⁹, redes sociais ou jogos, o professor de História interessado em diversificar sua aula encontrará um território fértil para desenvolver esse propósito.

O ambiente digital pode ser fácil e diversamente transformado através de dinâmicas e métodos interativos, para aproveitar o uso da Internet por alunos que já utilizam seus dispositivos móveis. Pode-se combiná-los com os métodos tradicionais de ensino, objetivando a melhoria do ensino de História. No meu caso, isso se deu por meio da análise e produção de memes em ambiente digital.

Vivemos atualmente no início do ano de 2022, na expectativa pela chegada da Internet 5G⁴⁰, avanço tecnológico que promete revolucionar a forma como utilizamos e nos relacionamos com os aparelhos eletrônicos. Alguns estudiosos do tema falam em um futuro em que poucos serão os objetos em nossas casas que não terão algum tipo de acesso e interação com a Internet.

A revolução digital já chegou e parece não ter fim. Renova-se a todo momento, criando tendências, usos e hábitos. O professor de História deverá ser um dos profissionais mais dedicados e requisitados nessa nova realidade que se apresenta, ensinando conteúdo do passado da nossa história com métodos do presente, reforçando aquilo que funciona e que sabemos ser bom para nossos alunos e tentando novas formas de ensino e aprendizagem na busca por uma educação mais democrática e cidadã.

A democratização dos meios tecnológicos certamente é e continuará a ser um dos nossos desafios principais enquanto país para os próximos anos. Essa democratização se faz urgente e necessária, visto que as novas gerações têm perfis de ensino muito diferente das gerações pré-Internet e redes sociais. Os celulares estão nas mãos dos alunos, e aqueles que não dispõem do aparelho ou de acesso adequado à conexão com a rede mundial ficaram defasados no ensino em relação aos demais.

Os desafios que a Educação brasileira enfrenta são enormes há muitos anos. Existe um histórico bastante claro de precarização do ensino no nosso país. Poucas vezes, a Educação foi

³⁹ O YouTube é um site que possibilita a publicação e o compartilhamento de vídeos em formato digital. Disponível em: <https://influu.me/blog/entenda-o-que-e-youtube/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

⁴⁰ Para saber mais, acessar: <https://www.istoeinheiro.com.br/5g-no-brasil-chega-quando-para-que-serve-tire-suas-duvidas-sobre-a-nova-rede/>.

interesse central e estratégico dos governos, tanto em nível estadual quanto federal. Sabemos que, a cada troca de governantes, os riscos de perdermos os avanços conquistados aumentam, bem como a luta por uma Educação melhor nos chama. Acredito que o território para essas lutas é favorável, é rico em possibilidades e estratégias. Podemos buscar saídas e soluções para problemas crônicos, como também certamente encontraremos na jornada novas questões que vão surgindo conforme as gerações se sucedem e a sociedade se transforma.

Essa parece ser uma jornada que não tem fim. Talvez seja de fato. Mas, a cada passo firme que damos em direção a uma Educação mais democrática, plural, humana e conectada, mais contribuímos para pequenos milagres na vida de nossos estudantes. Estudantes são pessoas e as pessoas é que fazem o mundo e a vida todos os dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por propósito servir como uma contribuição aos colegas professores e pesquisadores. A partir da leitura desta pesquisa, fica aqui a intenção do autor em somar com os esforços para uma educação democrática e fortemente pautada pelo ensino crítico e criativo. Esses objetivos começaram a se desenhar no início de minha atuação enquanto professor na rede pública de ensino. A oportunidade de ingressar no programa de Mestrado Profissional em Ensino de História ofertado pelo ProfHistória foi imprescindível para a realização deste estudo e para o desenvolvimento intelectual desse professor e de tantos colegas que passaram por essa formação.

O desenvolvimento desta pesquisa, desde sua origem, nos debates com minha orientadora e demais professores, sempre esteve pautado pela vontade de estabelecer um contato mais próximo com o aluno do ensino básico, conhecendo suas demandas, seu universo, tentando compreender o significado de nossa atuação como professores do século XXI e, sobretudo, pessoas que vivem num mundo cada ano mais conectado virtualmente.

A partir da percepção do mundo dos estudantes e da maioria das pessoas como um mundo dividido entre o real e o digital é que surgiu a ideia de se trabalhar com os memes de Internet, figuras conhecidas da grande maioria do público brasileiro. Desde o começo, considerei este um tema muito relevante, com potencial para contribuir ativamente na construção de uma Educação melhor e mais conectada, contribuindo também para atrair o aluno para a disciplina de História, movimento que acredito ser muito importante, principalmente em tempos de tantas ameaças à Educação e à democracia.

Ao longo da pesquisa na prática enquanto professor, mesmo durante o pouco tempo que me foi permitido devido ao advento da pandemia mundial provocada pelo vírus SARS-CoV-2, o Covid19, foi possível observar como a introdução dos memes nas aulas de História provocou um efeito positivo nos alunos, colaborando direta ou indiretamente para a melhoria nos níveis de atenção e interesse pela aula.

Dessa maneira, propus um produto didático-pedagógico em formato de blog que funcionasse como um depósito para arquivar memes possíveis de serem utilizados em atividades e avaliações e que fossem uma extensão da aula de História que ministre na E.E Jayme Veríssimo de Campos Junior, em Alta Floresta – MT.

A respeito da metodologia escolhida para a produção desta pesquisa, ela surge a partir do conhecimento dessa nova fonte/ferramenta que é o meme, suas características de criação e divulgação, bem como suas representações. O levantamento da bibliografia no campo do

Ensino de História e do Ensino de História com Memes foi fundamental para compreender os fenômenos que nos cercam e que aqui foram tema central desta escrita.

Este trabalho não pode ser dissociado de suas condições de produção, iniciado nos primeiros meses da pandemia que alterou drasticamente a rotina de milhões de brasileiros. Senti fortemente a dificuldade de atuar e desenvolver a pesquisa. Por outro lado, em se tratando de um assunto que tem como espinha dorsal a Internet, isso possibilitou que chegássemos a esse ponto, o de oferecer uma contribuição sincera para a Educação de meu estado e de minha cidade de atuação.

Esse não é um trabalho que termina aqui. Continuo seguindo o tema da Internet, dos memes e das redes sociais, e agora alimento um blog com a participação dos estudantes. Outros trabalhos devem se desdobrar a partir desse ponto. Deixo aqui aberto o espaço para a contribuição nesse ambiente rico em possibilidades, aprendizagem e diversão que é a Internet.

Se no início da pesquisa por diversas vezes me perguntava se era possível utilizar os memes de Internet de forma produtiva e colhendo bons resultados, posso dizer agora que sim, os memes podem e devem ser inseridos no *hall* de imagens que a História utiliza para entender o passado e o presente. Dentro das aulas de História, são ferramentas úteis para a fortalecimento do processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alessandra Michelle Alvares. **Memes históricos:** uma ferramenta didática nas aulas de História. 2018. 128f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

ARAÚJO, Renato. **Zumbi dos palmares.** Apostila para os educadores da Expo. Zumbi: a guerra do povo negro. São Paulo: SESC-Vila mariana, nov. 2015.

BECKO, Larissa T.; MAIA, Diego P.; PIENIZ, Mônica. O processo de representação e identificação do Cartum: Análise das tirinhas de “Memes” da Internet. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL*, 13., 2012, Chapecó. **Anais...** Chapecó, SC: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 1-12. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=10318636025064148224&hl=ptBR&as_sdt=0,5&sciodt=0,5. Acesso em: 29 set. 2021.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BITTENCOURT, Circe. **Dicionário de datas da História do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2007.

BITTENCOURT, Circe. As "tradições nacionais" e o ritual das festas cívicas. *In: PINSKY, Jaime. O ensino de História e a criação do fato.* São Paulo: Contexto, 2006.

BLACKMORE, Susan. **Memes and “temes”.** 2008. (19min15seg). Disponível em: https://www.ted.com/talks/susan_blackmore_memes_and_temes#t-157814 . Acesso em: 17 abr. 2021.

CADENA, Sílvio. Entre a História Pública e a História Escolar: as redes sociais e aprendizagem histórica. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA*, 29., 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo-SP: ANPUH-SP, p. 01-16. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502659377_ARQUIVO_Silvio-Cadena-SNH2017.pdf. Acesso em: 29 set. 2021.

CARIE, Nayara S. **Avaliações de coleções didáticas de história de 5^a a 8^a série do ensino fundamental:** um contraste entre os critérios avaliativos dos professores e do programa nacional do livro didático. 2008. 139 f. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 143-165. 2005.

CEREZER, Osvaldo Mariotto. Estágio Supervisionado e Formação em História: entre incertezas e possibilidades. *In: JESUS, Nauk Maria de; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Renilson Rosa (Orgs.). Ensino de História:* trajetórias em movimento Cáceres – MT: Editora Unemat, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História cultural entre práticas e representações.** Algés – Portugal: DIFEL, 1998.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/860>. Acesso em: 03 mai. 2021.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies.** Tradução de Joaquim da Mesquita Paul. Porto: Lello e Irmãos Editores [1859] 2003.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

DENNETT, Dan. **Dangerous memes.** 2002. (15min24seg). Disponível em: https://www.ted.com/talks/dan_dennett_dangerous_memes/transcript. Acesso em: 17 abr. 2021.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada** – Campinas, SP: papiros, 1993. 9º edição 2006.

FRANCO, Maria de Fátima. **Blog Educacional:** ambiente de interação e escrita colaborativa. Juiz de Fora – MG: Assessoria pedagógica, 2005.

GUTERRES, Cristiane. Planejando compartilhar o vídeo do Morgan Freeman? Leia este texto antes. **Universa UOL**, 17 nov. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/cris-guterres/2020/11/17/planejando-compartilhar-o-video-do-morgan-freeman-leia-este-texto-antes.htm>. Acesso em: 17 abr. 2021.

HENRIQUES, Sandra Maria Garcia. A ideologia em weblogs: Uma análise dos memes como formas simbólicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais...** Santos, SP: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1363-1.pdf>. Acesso em: 02 out. 2021.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. História, política e ensino. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 42 – 53.

JESUS, Nauk Maria de; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Renilson Rosa (Orgs.). **Ensino de História:** trajetórias em movimento. Cáceres – MT: Editora Unemat, 2007.

LADEIRA, Maria Elisa; NASCIMENTO, Luiz Augusto. 19 de abril (1943): Dia do Índio. In: BITTENCOURT, Circe. **Dicionário de datas da História do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2007.

LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva:** para uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2007.

LUCCHESI, Anita; COSTA, Marcella A. Historiografia escolar digital: dúvidas, possibilidades e experimentação. **Autografia**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://orbilu.uni.lu/handle/10993/31128>. Acesso em: 06 abr. 2018.

MACENA, Elizabeth Vieira. A aplicação da lei 11.645/2008 nas escolas públicas de Ponta Porã: subsídios para o ensino da temática indígena. 2018. 127f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Amambai, Amambai-MS.

NAPOLITANO, Marcos. A televisão como documento. *In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2004. p. 149 – 162.

Narloch, Leandro. **Guia politicamente incorreto da História do Brasil.** Editora Leya. São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Marcos Antônio de. 20 de novembro (1995): Dia da Consciência Negra. *In: BITTENCOURT, Circe. Dicionário de datas da História do Brasil.* São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **História:** Coleção Explorando o Ensino. Brasília: Ministério da Educação, v. 21, 2010.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História.** Belo Horizonte. 2. ed. Autêntica, 2015.

QUEIROZ, Suely Reis de. 15 de novembro de 1889: Proclamação da República. *In: BITTENCOURT, Circe. Dicionário de datas da História do Brasil.* São Paulo: Contexto, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 14, n. 32, 2007.

RIBEIRO, Renilson Rosa. Livros Didáticos de História: trajetórias em movimento. *In: JESUS, Nauk Maria de; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Renilson Rosa (Orgs.). Ensino de História: trajetórias em movimento.* Cáceres – MT: Editora Unemat, 2007.

SANTOS, Maurício Francisco dos. **O portfólio reflexivo eletrônico (blog) como suporte à formação profissional no âmbito da educação continuada de professores.** 2011. 76 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar História no século XXI:** em busca do tempo entendido. Campinas, SP: Papirus, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. *In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2004. p. 54 – 68.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Literacia Histórica: um desafio para a educação histórica no século XXI. **História & Ensino**, Londrina, v. 15, p. 09-22, 1999.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts: MIT Press, 2014.

TEIXEIRA, Jerônimo. O DNA das ideias. **Revista Superinteressante [on-line]**, 31 ago. 2003. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/o-dna-das-ideias/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

VITÓRIA, Bárbara Zacher. **Sobre memes e mimimi**: letramento histórico e mediático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais. 2019. 122f. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis.